



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ISABELLE OLIVEIRA MONTENEGRO

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO NO MAGISTÉRIO

**CAMPINA GRANDE
2019**

ISABELLE OLIVEIRA MONTENEGRO

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO NO MAGISTÉRIO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Ana Paula Mendes Rodrigues Cavalcanti

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M777c Montenegro, Isabelle Oliveira.
A construção social do Gênero no Magistério [manuscrito] /
Isabelle Oliveira Montenegro. - 2019.
45 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Paula Mendes Rodrigues
Cavalcanti, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Educação. 2. Profissionalização docente. 3. Gênero. I.
Título

21. ed. CDD 305.48

ISABELLE OLIVEIRA MONTENEGRO

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO NO MAGISTÉRIO

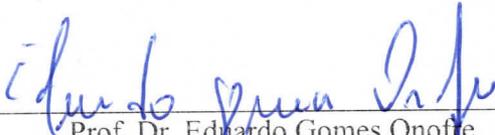
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 20/08/19.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Ana Paula Mendes Rodrigues Cavalcanti (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Fabíola Mônica da Silva Gonçalves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Á todas as mulheres da minha família que seguem carreira profissional na docência, as minhas colegas de curso e as demais brasileiras que atuam na educação, DEDICO.

"Por que [os homens] se interessam em nos separar das ciências a que temos tanto direito como eles, senão pelo temor de que partilhemos com eles, ou mesmo os excedamos na administração dos cargos públicos, que quase sempre tão vergonhosamente desempenham?"
(FLORESTA, 1832).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. BREVE HISTÓRICO DAS MULHERES NA HISTÓRIA EDUCAÇÃO	10
2.1 Gênero e Educação: As contribuições do Movimento Feminista.....	10
2.2 Mulheres e Educação: “um entrelaçamento de destinos”	11
2.3 A trajetória da mulher na docência: currículo e formação	12
3. METODOLOGIA	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
5. CONCLUSÃO	30
REFERENCIAS	33
APÊNDICE 01 - QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS CONCLUINTEs DO CURSO PARA REALIZAÇÃO DESTA PESQUISA	33
ANEXO – REPOSTAS DO QUESTIONÁRIO	36

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO NO MAGISTÉRIO

Montenegro, Isabelle Oliveira.*

RESUMO

Consideradas inferiores, as mulheres durante os séculos XIX e XX foram relegadas à educação e aos espaços públicos sociais, haja vista, serem adjetivadas, pelo discurso da época, como sexo frágil e “casadoras”, cabendo a elas somente a função de cuidar do lar, da família e principalmente do casamento. Diante o exposto, esta pesquisa objetiva compreender os motivos para a escolha do curso de Pedagogia, por parte das concluintes da Universidade Estadual da Paraíba - campus I, Campina Grande. Nossa metodologia pauta-se primeiramente num breve histórico, a partir de dados bibliográficos e posteriormente, em análise de dados, coletados a partir do questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa. Utilizamos um questionário semiestruturado com 09 (nove) questões pertinentes a esta pesquisa em que pontuamos como o curso foi percebido pelas entrevistadas, através de seus relatos, além de mensurar dados estatísticos sobre o corpo docente e discente do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da UEPB. Diante resultados constatamos que alguns motivos para a escolha do magistério, tais como busca pela ascensão social, independência, estabilidade financeira e qualificação profissional e pessoal, ainda aparecem presentes na atualidade. Estes motivos estão relacionados diretamente à condicionantes sociais, políticos, econômicos da vida pessoal de cada uma das entrevistadas. Este trabalho propiciou uma reflexão intensa acerca de temas imbricados a gênero, poder e educação, principalmente, à construção social do que se espera “para o homem” e “para a mulher”, haja vista a construção majoritária de mulheres no corpo discente e docente do Departamento de Educação e da sociedade.

Palavras-chave: Profissionalização Docente. Gênero. Educação.

* Concluinte do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – montenegrooisabelle@gmail.com.

ABSTRACT

Considered inferior, women during the nineteenth and twentieth centuries were relegated to education and social public spaces, given that they were adjectives, by the discourse of the time, as fragile and “marriageable” sex, leaving them only with the function of taking care of the home, family and especially marriage. Given the above, this research aims to understand the reasons for the choice of the Pedagogy course, by the graduating students of Paraíba State University - campus I, Campina Grande. Our methodology is based first on a brief history, based on bibliographic data and later on data analysis, collected from the questionnaire applied to the research subjects. We used a semi-structured questionnaire with 10 (ten) questions pertinent to this research in which we pointed out how the course was perceived by the interviewees, through their reports, as well as measuring statistical data on the faculty and students of the Pedagogy Course of the Department of Education. UEPB. Given the results we find that some reasons for choosing the teaching profession, such as the search for social advancement, independence, financial stability and professional and personal qualification, are still present today. These motives are directly related to the social, political and economic conditions of the personal life of each of the interviewees. This work provided an intense reflection on themes related to gender, power and education, especially to the social construction of what is expected “for men” and “for women”, given the majority construction of women in the student and teaching staff. of the Department of Education and society.

Keywords: Teacher Professionalization. Genre. Education.

1. INTRODUÇÃO

Conforme a “emergência do gênero” (LOURO, 2014) em nossa sociedade atual, diante as diversas disparidades sobre o conhecimento acerca do tema, faz-se necessário uma discussão sobre o mesmo, principalmente nas licenciaturas, pois são os professores em formação, que irão atuar junto ao público estudantil das instituições escolares.

Assuntos como o feminismo e questões relacionadas a gênero e sexualidade aparecem recorrentes em mídias televisivas e digitais. Discutir acerca da construção de gênero em nossa sociedade ainda é um tabu em muitos âmbitos, contudo, é, sem dúvida, uma temática relevante sobreposta ao seu caráter social, quando “nele se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos” (IBID, 2014, p.26). Nesse sentido percebemos que, a partir do seu não entendimento, se manifestam formas e condutas de preconceito e discriminação perante os indivíduos sociais, além do disciplinamento e direcionamento de corpos e atitudes para homens e mulheres.

Escolher a temática “Gênero e Educação”, entre tantas outras que estão presentes na academia científica, foi uma tentativa de refletir acerca da construção social do gênero nos espaços institucionais de educação, concedendo protagonismo a sujeitos (no caso, mulheres) que, por vezes, foram esquecidas, invisibilizadas e relegadas a seres inferiores no decorrer da história.

As mulheres foram, ao longo da História da Educação, colocadas a segundo plano, uma vez que, os homens se configuraram como detentores do poder e, portanto, de mandonismo social, capazes de direcionar regras e comportamentos sociais aqueles que eram considerados inferiores, “o sexo frágil” (FREYRE, 2004, p.462). Sobretudo na sociedade patriarcal onde “não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações e conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios” (LOURO, 2012, p.446), não era competência da mulher estudar ou trabalhar, mas sim, a ela destinava-se os bons costumes e o cuidado do lar e da família. Sobre esta configuração social, Cavalcanti (2016, p. 120) nos aponta que foi “determinada pela divisão de gênero, em que o homem era o sexo forte, o belo sexo e a mulher, o sexo frágil, foi herança da sociedade patriarcal brasileira”.

Ainda segundo Louro (2012), a distinção da história da educação com as discussões de gênero se faz impossível, visto que ambas tecem relatos que se complementam, à exemplo das representações do masculino e do feminino e os lugares sociais previstos para cada um deles, integrantes primordiais no processo histórico. Neste sentido percebemos que o aspecto homogeneizador e monocultural, que estabeleceu as relações de gênero socialmente construídas, também aconteceu dentro do ambiente escolar, determinando a mulher acesso à educação mais tardio.

O acesso das mulheres aos espaços educacionais ainda que tardio, foi possível por consequência dos movimentos de reivindicações recorrentes do Movimento Feminista, desde o século XIX, emergente na virada do século para as sociedades ocidentais, trazendo à tona discussões sobre gênero e papéis sociais (LOURO, 2014). Contudo, mesmo diante das reivindicações, os espaços das instituições foram abertos às mulheres sob o domínio intelectual dos homens que as chefiavam como coordenadores, diretores, supervisores dentre outros, moldando a partir do currículo, o comportamento e a educação das mulheres enquanto docentes e discentes.

Somente mais tarde com a ampliação dos espaços de trabalho para os homens, é que os mesmos migram do campo educacional para outros campos de atuação, enquanto que as mulheres acham no magistério uma oportunidade para ampliar suas vivências pessoais e

sociais. Por conseguinte, o magistério passou a ser visto como a profissão ideal para mulheres, aliado a ideia de ter “vocação” para tal, haja vista que por natureza, as mulheres eram mães e seriam perfeitas para o cargo de ensino disponível (LOURO, 2012).

Segundo Cavalcanti (2018, p. 05) “mais que qualquer representação, a docência denotava o cuidado, tão atribuído à mulher, “casadora”, mãe, esposa, abnegada do lar”. Daí o porquê do magistério ter sido considerado curso de mulher, pois, as moças que o almejavam, buscavam, por conseguinte “uma tentativa de escapar a um destino imposto por um sistema social não igualitário” (ALMEIDA, 1998, p. 22).

Para inserção no contexto educacional, fatores ligados à economia, política, cultura e sociedade, tal como o gênero, contribuíram para que as mulheres transcendessem a vida privada do lar até a vida “pública” enquanto professoras e alunas. Desta forma, é preciso compreender, á luz da história, a construção de gênero nos cursos de magistério, compreendido em sua maioria por cursistas e professoras mulheres.

Portanto, a escolha deste tema faz-se, primeiramente, em decorrência da minha construção social, cultural e histórica de ter sido criada com moldes machistas impostos á mim desde pequena por ser mulher, por consequência e posteriormente, ter se tornado uma área que apresentei curiosidade durante a minha formação escolar e acadêmica; por já ter escrito á respeito da constituição de Gênero no Curso de Pedagogia, mas, tendo como objeto de pesquisa os discentes homens, em uma atividade do componente curricular “Pesquisa em Educação”, por observar a ausência parcial ou total destes alunos no curso ou no decorrer do mesmo. O fruto deste estudo resultou á posteriori num projeto e, posteriormente, num artigo intitulado “A construção de gênero no Curso de Pedagogia” que fora publicado em 2018 no XIII CONAGES¹. E, por fim, por ouvir e analisar alguns aspectos das histórias de vida das minhas colegas de classe enquanto socializávamos um memorial acadêmico, cujo tema era “Como me tornei professora”, no componente curricular Estágio V e constatar que estes aspectos tinham relação direta à condição feminina delas em sociedade, principalmente no que tange à escolha do curso.

Diante o exposto, esta pesquisa objetiva compreender os motivos para a escolha do curso de Pedagogia, por parte das concluintes da Universidade Estadual da Paraíba - campus I, Campina Grande, a partir do levantamento de dados, em um estudo bibliográfico, do percurso histórico da constituição social de gênero no magistério, contemplando quais foram os principais motivos que fizeram as mulheres no século XX escolherem a profissão do magistério, enfatizando o processo de feminização do mesmo; por fim, contrapor, a partir de entrevistas, se os motivos para a escolha do magistério persistem nos dias atuais, a partir das histórias de vida e relatos das concluintes do curso de Pedagogia da presente pesquisa; e como crédito do estudo, pontuar como o curso foi/é percebido pelas envolvidas da pesquisa em suas histórias de vida. Para nossos estudos acerca da temática nos pautaremos nas ideias de Almeida (1998); Araújo, Montenegro (2018); Cavalcanti (2016); Cordeiro (2010); Louro (2012; 2014), Vasconcelos (2003) dentre outros.

Esperamos que este trabalho provoque reflexões e resulte em contribuições em todos os âmbitos, educacional, social, político, cultural etc., quanto às discussões sobre gênero; a valorização da profissão, o reconhecimento da identidade profissional dentre outros aspectos implícitos no decorrer do mesmo.

¹ XIII Conages - Colóquio Nacional de Representações de Gênero e sexualidade.

2. BREVE HISTÓRICO DAS MULHERES NA HISTÓRIA EDUCAÇÃO

Diante do tema escolhido para o presente trabalho, Gênero e Educação, acreditamos que as análises da pesquisa não podem ser discutidas alheias às relações de gênero. Neste sentido contextualizaremos de maneira breve como as mulheres adentraram nos espaços educacionais e se tornaram professoras, destacando alguns aspectos sobre este processo de transposição social da mulher do ambiente doméstico para o ambiente escolar, a partir do século XX, enfatizando as características da configuração social da época e sua influência nas relações de gênero.

2.1 Gênero e Educação: As contribuições do Movimento Feminista

Ao trabalhar com a identidade de gênero, autoras como Scott (1986), Almeida (1998), Louro (2014), Beauvoir (2016) chamam atenção para as questões que se colocam como binárias: masculino-feminino. Elas são unânimes em afirmar que a dicotomia marca a relação de superioridade do primeiro elemento sob o segundo, caracterizando assim um sistema desigual de forças.

Desta forma, o binarismo marcado pela relação de superioridade do primeiro elemento, o homem, sobre o segundo, a mulher, acaba por respaldar socialmente o mandonismo e a justificativa da superioridade entre os gêneros, ainda tão presentes nas diversas instâncias sociais. Diante disso, as discussões sobre gênero e educação que faremos, visam problematizar aspectos que foram (e continuam sendo) direcionados socialmente para mulheres e homens, de acordo com cada momento histórico, que serviu e serve para estabelecer relações de poder, pois, como enfatiza Louro (2014, p.25) a distinção do que seria para homem ou mulher, num dado tempo histórico também “[...] serve para compreender - e justificar - a desigualdade social” (IBID, 2014, p.25),

Foi com base nas desigualdades sociais entre homens e mulheres que, na virada do século XX, no Ocidente, surgiram manifestações que lutavam contra a discriminação social feminina, através do Movimento Feminista, a princípio, tido como “ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão de mulheres” (LOURO, 2014, p.18). Esse movimento teve sua origem, principalmente na Europa, com representação de mulheres, brancas, pertencentes as altas camadas sociais. No Brasil, as mulheres de classe média puderam reivindicar seus direitos ao voto, no ensaio histórico que ficou conhecido como “sufragismo” ou primeira onda do feminismo. Porém, aliadas a premissa do voto, essas também lutavam em contraposição aos padrões sociais estabelecidos às mulheres da época, procuravam problematizar a organização familiar e exigiam boas e qualificadas oportunidades de estudo e acesso a determinadas profissões (LOURO, 2014).

Somente no movimento conhecido como segunda onda, desenvolvido na segunda metade do século XX, é que se fomentaram abordagens teóricas acerca do conceito de gênero, ou seja, além das reivindicações já atestadas no movimento anterior, acresceram-se ao campo teórico, intelectuais, estudantes, negros, mulheres, jovens de diversos grupos que de modo expressivo, lutavam contra os arranjos políticos e sociais, destacando em suas pautas a discriminação, a segregação e o silenciamento que havia destes sujeitos na sociedade vigente.

Diante o exposto, a partir das reivindicações sociais “as mulheres passaram a atuar no espaço público e a exigir igualdade de direitos, educação e profissionalização” (ALMEIDA, 1998, p.27). Os primeiros anos do século XX, portanto, ofertaram maiores oportunidades ao sexo feminino, haja vista, “a partir da entrada das mulheres no campo das ciências, das artes e

das letras” (LOURO, 2014, p.21). Tais conquistas significou a estas mulheres oportunidades que antes não lhes eram cedidas e maior liberdade e autonomia social (IBID, 1998).

Desta forma, a literatura sobre gênero e a inserção da mulher na educação, compreendem o quadro social a que elas estavam submetidas, considerando o tempo histórico, a cultura, a classe social e a raça, fatores esses que delimitaram a imposição dos papéis sociais demarcados para homens e mulheres durante a história da humanidade.

2.2 Mulheres e Educação: “um entrelaçamento de destinos”

A relação das mulheres com a educação foi, na verdade, uma relação de alteridade ao passo que as primeiras viram na segunda uma forma de se encaixar socialmente, servindo-lhes, perfeitamente, no arranjo social esperado para as mesmas, “a possibilidade de aliar o trabalho doméstico e a maternidade a uma profissão vestida de dignidade e prestígio social fez com que ser professora se tornasse extremamente popular entre as jovens” (ALMEIDA, 1998, p.28), tal popularização fez com que rapidamente a profissão torna-se essencialmente feminina, como aponta a autora supracitada (1998, p.23):

Durante muito tempo a profissão de professora foi praticamente a única em que as mulheres puderam ter o direito de exercer um trabalho digno e conseguir uma inserção no espaço público, dado que os demais campos profissionais lhes foram vedados. O fato de não ingressarem nas demais profissões, acessíveis somente ao segmento masculino, e a aceitação do magistério, aureolado pelos atributos de missão, vocação e continuidade daquilo que era realizado no lar, fizeram que a profissão rapidamente se feminizasse.

O magistério, a princípio, era entrelaçado pelo caráter sacerdotal (ALMEIDA, 1998), onde ensinar era tido como dever sagrado, haja vista, a construção histórica e a influência religiosa em nosso país. No século XVI, os padres jesuítas foram os primeiros sujeitos, de maneira formalizada, a configurarem e institucionalizarem o quadro do magistério. Fomentaram em nosso país, pois, não somente eles, como pastores e outros líderes religiosos que se fixaram no período de “descobrimento do Brasil” para ensinar as crianças indígenas acerca da doutrina cristã ocidental, a esses caberiam ser “modelo de virtude, disciplinado e disciplinadores, guias espirituais” (LOURO, 2014, p.93) e deveriam ver a docência “[...] Como um sacerdócio, como uma missão que exige doação. Afeição e autoridade, bom senso, firmeza, bondade, piedade e saber profissional” (IBID, 2014, p.93).

No século XIX, “com o ideal republicano e a necessidade de se formar o bom cidadão” (MONTENEGRO, ARAÚJO, 2018), o discurso oficial era de construir uma imagem do país que o afastasse do caráter atrasado que detinha (LOURO, 2012), seria a mulher, portanto, a mais adequada para realizar esta tarefa, haja vista, que “a alma de uma nação é a alma da Mulher, da Mãe – que é educadora, a escultora dos caracteres, a transmissora dos papéis sagrados da tradição, a guarda fiel do amor à Pátria no coração de seus filhos” (COSTA, 1923; apud ALMEIDA, 1998, p.18).

A imagem da mulher, portanto, diante premissa do parágrafo anterior e à luz de Almeida (1998), no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, representava sinônimo de “pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade, generosidade, espiritualidade e patriotismo” (p.17) colocando-as sob a ótica de responsáveis pela beleza e bondade que deveriam constituir os futuros sujeitos da vida social. Contrapondo-se a visão da mulher, nos séculos XVII e XVIII, que era vista como símbolo da promiscuidade, luxúria, da sensualidade e maldade (ALMEIDA, 1998).

Desta forma, o pensamento propagado era da mulher, vista como mãe e esposa abnegada, destinada ao casamento, responsável por e para ser a primeira “educadora da infância, sustentáculo da família e da pátria” (ALMEIDA, 1998, p.19), ainda devendo ser “pura e sexuada e nela repousariam os mais caros valores morais, éticos e patrióticos” (IBID, 1998, p.19).

Faz necessário ressaltar que tais premissas históricas sempre foram apoiadas politicamente por intelectuais, positivistas, brasileiros, haja vista, herança cultural portuguesa. Tal cultura foi determinante para instaurar em nossa sociedade os papéis sociais para cada gênero, cabendo à mulher não “transpor as fronteiras do lar, nem ser objeto de trabalho remunerado” (ALMEIDA, 1998, p.31). Nesta direção, problematizando os conceitos redutores e simplistas de gênero, Louro (2014, p.28) aponta que:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.

Desta forma, seguindo esta perspectiva reducionista, o magistério fora visto como uma das melhores oportunidades ofertadas para as mulheres que representava “o equilíbrio entre a condição desejável e a possível de se obter” (ALMEIDA, 1998, p.32). Era aceitável que elas desempenhassem um trabalho, contudo, este deveria pautar-se no cuidado de alguém como afirma Almeida (1998).

Portanto, eram aceitas as entradas das mulheres no campo educacional, tendo em vista sua principal função social, contudo, a educação não poderia interferir na vida pessoal da mesma, ou seja, nas questões que dizem respeito ao lar e à relação com seu marido e seus filhos, como afirma Almeida “a profissionalização permaneceu relegada a plano secundário perante a importância do matrimônio e da criação dos filhos” (p.39). Desta forma, a instrução feminina foi pensada nos moldes de não ameaçar seu destino previsível, “ainda que o reclamo por educação feminina viesse a representar, sem dúvida, um ganho para as mulheres, sua educação continuava a ser justificada por seu destino de mãe” (LOURO, 2012, p.447) e de “desenvolver aptidões domésticas” (ALMEIDA, 1998, p. 39).

2.3 A trajetória da mulher na docência: currículo e formação

No século XIX foram criadas as chamadas Escolas Normais, instituições responsáveis por formar professores e professoras, visando atender as exigências sociais dos processos de urbanização e industrialização tal como da modernização da escola. Essas ofereciam turmas para formação para homens e para mulheres, contudo, as classes, os turnos e até mesmos as escolas deveriam ser separadas por gênero.

Com o passar do tempo, os relatórios destas instituições apontaram que “as escolas normais estavam recebendo e formando mais mulheres que homens” (LOURO, 2012, p.449). Logo o Magistério se tornou a oportunidade mais acessível à mulher, pois dado o seu acesso tardio à educação, o mesmo acabou não sendo mais um trabalho para os homens que, detentores do poder, puderam desfrutar da oportunidade de outras profissões, como afirma Cavalcanti (2018; p. 5):

Por causa do acesso à educação, ainda monitorado pelo homem, muitas mulheres acabaram não seguindo outras profissões, que não fosse a docência, caracterizando o

que, a partir da primeira metade do século passado, foi chamado de “feminização do magistério”. Desse modo, muitas mulheres passaram a ocupar as salas de aula, como professoras, sobretudo com a chegada da Escola Normal, a partir de 1835.

Mais que qualquer representação, à docência denotava o cuidado, tão atribuído à mulher, casadora, mãe, esposa, abnegada do lar. Daí vem ser considerado curso de mulher. Esse também foi um dos fatores que permitiram as mulheres adentrarem nos espaços educacionais de forma consentida e planejada, caracterizando o processo que ficou conhecido historicamente como *feminização do magistério*.

Com o ingresso no magistério firmou - se a ideia de que “as mulheres por natureza, tinham uma inclinação para o trabalho com as crianças pequenas” (LOURO, 2012, p.450) assim elas seriam as primeiras educadoras da infância, por naturalidade, haja vista, seu papel de mãe. Portanto, “o magistério foi visto como extensão da maternidade, onde os alunos eram tidos como filhos e filhas espirituais” (IBID, p.450), a docência cumpriria assim, uma amplitude da vocação natural da mulher: cuidar de crianças.

Estes atributos sociais em torno da docência, como profissão feminina, também veio acompanhado de um viés de vocação, missão, espiritualidade atribuídos à mulher católica, que embora fosse casar e ter filhos podia trabalhar, pois, estava á imagem e semelhança de Maria, mãe de Jesus, aceitando de bom grado, as escolhas e arranjos sociais que haviam lhe dado um status de professora, como aponta Almeida (1998, p.19):

[...] na realidade, o fim último da educação era preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado com o marido e os filhos, não se cogitando que pudesse desempenhar uma profissão assalariada. A mulher educada dentro das aspirações masculinas seria uma companhia mais agradável para o homem que transitava regularmente no espaço urbano, diferentemente do período colonial com seu recolhimento e distanciamento do espaço da sociabilidade.

Desta forma, como afirma Louro (2012) a profissão do magistério foi relacionada a características tidas como femininas, que por sua vez, se articulou á tradição religiosa, novamente, de sacerdócio, portanto, esperava-se das mulheres que construíssem suas vidas fazendo alusão à pureza da Virgem e a este imaginário feminino “implicava no recato e o pudor, a busca constante da perfeição moral, aceitação de sacrifícios e ação de ser educadora dos filhos e filhas” (IBID, 2012, p.447), confirmando a sagrada missão.

Diante o arranjo social, o magistério também era próprio para as mulheres, pois, era um trabalho de apenas um turno, o que permitia que elas assistissem à suas vidas domésticas, contudo, caso a educação interferisse na sua vida privada, deveria ser descartada, como aponta Louro (2012, p.453) “para a mulher, uma concepção do trabalho fora de casa como ocupação transitória, a qual deveria ser abandonada sempre que impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe”.

Com a *feminização do magistério*, as Escolas Normais atendem, em sua maioria, a uma clientela privilegiada socialmente: as moças das famílias das elites do país. Por isso, tornaram-se escolas prestigiadas e renomadas pelos cursos de formação e especialização. Todos os espaços ofertados por estas instituições tinham o objetivo de “transformar meninas/mulheres em professoras” (LOURO, 2012, p.454). Além disso, eram espaços amplos, com salas arejadas, amplas janelas para circulação de ar e com um viés totalmente católico, uma vez que a educação das moças não era somente voltada para a formação docente e sim, para a formação humana, de mulher, de casamento, de filhos.

As escolas normais, plantadas inicialmente nas principais cidades dos país, buscam, desde suas fachadas, frequentemente solenes, indicar todas as pessoas que por ali passam que são distintas dos demais prédios, que têm um objetivo especial. Seu espaço interno tem também uma organização plena de significados: “seus corredores e salas, a capela ou o crucifixo, as bandeiras ou os retratos de autoridades, os quadros de formatura ou os bustos das ‘personalidades ilustres’ estão afirmando ou ocultando saberes, apontando valores e ‘exemplos, sugerindo destinos’”. (IBID, p.455).

Diante o exposto, percebemos que todos os arranjos sociais faziam alusão à observação e vigilância, planejadamente, tanto no plano terreno quanto no celeste.

No que tange ao tempo e a rotina das moças, percebemos a preocupação com as ações que eram rigorosamente controladas, para que não perdessem a essência da submissão masculina, pois, mesmo fazendo parte de um cotidiano escolar, eram as mulheres produto de uma sociedade desigual, que não abriam mão do mandonismo masculino, ainda que imbricado em regras que as direcionavam ao casamento, fim último da educação feminina:

[...] na realidade, o fim último da educação era preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado com o marido e os filhos, não se cogitando que pudesse desempenhar uma profissão assalariada. A mulher educada dentro das aspirações masculinas seria uma companhia mais agradável para o homem que transitava regularmente no espaço urbano, diferentemente do período colonial com seu recolhimento e distanciamento do espaço da sociabilidade. (ALMEIDA, 1998, p. 19)

Nesse sentido todos os condicionantes existentes nas instituições escolares levavam a mulher à submissão patriarcal, seja do pai, seja do irmão ou marido. Mas o maior direcionamento talvez tenha vindo do currículo normativo, uma vez que, prescrevia os conteúdos que a mulher deveria estudar e aprender, longe de uma má influência que pudesse lhe desviar do destino que lhe foi traçado: o casamento. Essa má influência podia estar nos livros, por exemplo, que foram selecionados com cuidado para não transgredir a ordem e o destino. Dessa forma, de acordo com Silva (2007, p. 92):

O currículo educacional refletia e reproduzia os estereótipos da sociedade mais ampla. A literatura crítica concentrou-se em analisar, por exemplo, os materiais curriculares, tais como livros didáticos, que caracteristicamente faziam circular e perpetuavam esses estereótipos. Um livro didático que sistematicamente apresentasse as mulheres como enfermeiras e os homens como médicos, por exemplo, estava claramente contribuindo para reforçar esse estereótipo e, conseqüentemente, dificultando que as mulheres chegassem às faculdades de Medicina.

Ainda que os homens tenham ido para outros espaços profissionais, continuaram a gerir a educação feminina através do currículo, das regras impostas pelas instituições escolares ou pela condição de diretores que ocupavam, ainda no interior das escolas, como aponta Cavalcanti (2018, p.05) ao nos dizer que,

Quando as mulheres entraram na educação, os currículos escolares, bem como, a gestão da instituição de ensino, ainda eram representados pelos homens. Esta era mais uma forma de desigualdade entre os sexos, corroborando, ainda, o aspecto de submissão.

Percebemos que não só aquilo que era visto em sala de aula, enquanto componentes e disciplinas, mas, tudo o que envolvia o processo educativo destas moças as tornavam professoras, sempre fazendo alusão as ideias que estavam imbricadas nesta missão justaposta pelo caráter social.

As disciplinas de Psicologia, Puericultura e Higiene Escolar foram as principais disciplinas integradoras do currículo das Escolas Normais no começo do século XX, haja vista, a descoberta de se explorar o desenvolvimento infantil à luz da teoria do construtivismo que vinha ganhando destaque nas ciências. Tal teoria foi considerada de tamanha utilidade, diante realidade, pois, tanto para o ambiente escolar quanto para o ambiente doméstico caberia a mãe/professora, utilizar de os conhecimentos para prover uma boa educação para os filhos (as)/alunos(as), como afirma Louro (2012). Portanto, passou-se a considerar no trato com as crianças, o afeto como fundamental e a escola começou a ser vista como ambiente facilitador da aprendizagem.

Almeida (1998, p. 35) ressalta que a entrada das mulheres na educação foi uma “faca de dois gumes”, pois, a conquista das mulheres perante alguns espaços sociais, como a docência, representou um ganho qualitativo para sua vida pessoal e profissional, mas, também, representou um mecanismo de opressão, pois, os homens detinham os poderes econômicos e políticos, ocupando dessa forma, os mais altos espaços profissionais, assim como na vida política. Na educação, a mesma autora ressalta que:

Os homens apropriaram-se do controle educacional e passaram a ditar regras e normatizações da instrução feminina e para viabilizar esse poder na educação escolar, elaboraram leis e decretos, criaram escolas e liceus femininos, compuseram seus currículos e programas, escreveram a maioria dos livros didáticos e manuais escolares... (IBID, 1998)

Destarte, reproduzia-se e reforçava-se o mandonismo social, as mulheres poderiam estar nas salas de aula, contudo, estariam executando funções e atividades que não foram planejadas por elas, mas para elas, enquanto os homens tratavam das questões administrativas, dirigindo e controlando todo o sistema.

As restrições às mulheres eram várias, sobretudo para as que ministravam aulas aos meninos, pois, ainda que fossem crianças, faziam parte do sexo oposto. Para a completude das disposições curriculares, “as escolas não abriam mão dos múltiplos recursos e dispositivos que iam desde as proibições a arranjos arquitetônicos, da distribuição dos sujeitos, dos símbolos, das normas” (LOURO, 2012, p.453). De maneira geral, era proibido que:

professores ou professoras tratassem em aula de assunto alheio ao trabalho da disciplina bem como que conversassem com os alunos nos intervalos das aulas. Aos docentes que fugissem às regras ou demonstrassem falta de decoro devido entre os sexos lhes eram impostas penalidades que compreendiam da expulsão do (a) aluno (a) ou dos (as) professores (as).

[...] Construía-se uma estética e uma ética. Uniformes sóbrios, avessos à moda, escondiam os corpos das jovens, tomando-os praticamente assexuadas, e combinavam-se com a exigente de uma postura discreta e digna. [...] Ensinava-se um modo adequado de se portar e comportar, de falar, de escrever, de argumentar. Aprendiam-se gestos e olhares modestos e decentes, as formas apropriadas de caminhar e sentar. (IBID, p.460)

Portanto, cumprindo com o exigido quanto ao comportamento docente, as professoras deveriam seguir estas e outras regras e modelos impostos pela sociedade e adotada nas instituições escolares, sobretudo nas Escolas Normais, pois eram elas que referenciavam

modelos para as estudantes, logo, deveriam ser portadoras de uma conduta impecável, que seria conquistada com muita disciplina.

Apesar de todas as algemas ocultas impostas na profissão da docência, a mesma tornou-se, portanto, profissão de mulher. Era o que possibilitava às diversas jovens, chamadas de “professorinhas ou normalistas”, na década de 1950 de inúmeros estados brasileiros experimentarem o *empoderamento* feminino frente aos obstáculos sociais e a opressão de gênero dos séculos XIX e XX.

As moças da segunda metade do século XX já não eram tão normativas quanto as que lhe antecederam. Logo, a professora deixa de ser vista como “mãe espiritual” e passa a ser reconhecida enquanto educadora, dadas as reivindicações do Movimento Feminista e as manifestações sociais da carreira docente representadas através dos sindicatos de professores.

Em decorrência das transformações sociais da segunda metade do século XX, os respaldos na educação fizeram com que tanto os (as) professores (as) quanto a educação vestissem novos moldes, muitos contrapondo os antigos costumes, como cita Louro (2014, p.472):

As novas teorias implicariam, pois, em novas formas de relação entre os sujeitos na escola e colocariam o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem. Isso vai exigir da professora que passe a exercitar seu controle sobre a classe de formas novas, aparentemente menos disciplinadoras, mais indiretas, ainda que igualmente eficientes.

Diante desse cenário foi preciso que a profissão docente, antes vista com caráter sacerdotal, vinculasse aos padrões estabelecidos, profissionalizando-se, fazendo com que as mulheres, agora educadoras, pudessem ser capazes de reivindicar salários mais justos e iguais aos dos homens, além da exigência por condições de trabalho mais adequadas, já que até o presente momento a profissão fora vista com pouca visibilidade e status social.

Normalistas, mães espirituais, educadoras ou sindicalistas se faz importante destacar que, diferentemente do que estamos habituados a conhecer, as mulheres foram, em grande parte da história, protagonistas das transformações sociais. Por isso, trazer as discussões sobre gênero e educação, mais que uma temática relevante e atual, faz parte de uma nova configuração de ver a mulher na sociedade do século XXI e, mais especificamente na docência, conquistando cada vez mais autonomia diante dos desafios que tem enfrentado numa sociedade machista, sexista e misógina como a do Brasil e especificamente, da Paraíba.

Este trabalho faz parte, portanto, de uma necessidade acadêmica de estudar sobre a mulher que ainda tida como sexo frágil, vem mostrando que os arranjos sociais e os fatores históricos que a delegam à submissão masculina, precisam ser quebrados, todos os dias, nos diversos âmbitos, sobretudo na educação escolar e acadêmica.

3. METODOLOGIA

O presente artigo intitulado *Gênero e Educação* tem como objeto de estudo as estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba e objetiva compreender os motivos para a escolha do curso de Pedagogia, por parte das concluintes da Universidade Estadual da Paraíba - campus I, Campina Grande.

Desta forma, os sujeitos da pesquisa são todas mulheres concluintes do semestre letivo 2019.1 do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, turno da manhã. O interesse por esse público partiu da construção e socialização de um memorial acadêmico, do componente curricular Estágio Supervisionado V, que tratava do tema “Como me fiz professora?”, discussão que fazia parte da reflexão sobre a formação e identidade docente,

ministrado pela professora Ana Paula Mendes Rodrigues Cavalcanti, orientadora deste trabalho.

Diante da socialização dos memoriais percebemos que alguns acontecimentos nas histórias de vida das estudantes se apresentavam com frequência, tais como a primeira escolha para estudar em uma graduação não ser o Curso de Pedagogia; possuir algum familiar na área de educação; procurar a área de educação por ser ampla e ter oportunidades de emprego mais acessíveis dentre outros. Estes acontecimentos despertaram nosso interesse pelo tema, pois, chegamos à constatação de que a formação e identidade docente é uma construção na vida das pessoas, sobretudo das mulheres, que desde tempos remotos do século XIX, tiveram no magistério, a única oportunidade de ingresso ao mercado de trabalho. Neste sentido, nos indagamos: será que a docência, sobretudo o Curso de Pedagogia, se configura até os dias atuais, como curso de mulher? Essa indagação nos fez formular o objetivo geral deste trabalho que procura conhecer os motivos que levaram essas mulheres à escolha do Curso de Pedagogia.

Desta forma, a pesquisa tem um caráter qualitativo, ao trabalhar com a construção da docência na vida das mulheres concluintes do Curso de Pedagogia. Optamos por uma pesquisa desta especificidade metodológica tendo em vista a natureza do trabalho que se faz de forma subjetiva ao conhecer, brevemente, a história de vida das entrevistadas e sua relação com a escolha do curso. Esta pesquisa também será de cunho quantitativo, pois, visa mensurar, também, a frequência de determinadas respostas em perguntas objetivas, logo, as análises se farão perante gráficos e comparação de resultados em porcentagens. Os gráficos serão feitos no programa Microsoft Word (2010).

Para a viabilidade da pesquisa foram selecionadas 8 (oito) estudantes, concluintes do Curso de Pedagogia. As mesmas foram selecionadas pelo fato de já terem cursado o componente de Estágio Supervisionado V e terem, portanto, escrito e socializado o memorial acadêmico. O fato de ter proximidade com a autora deste trabalho também foi levado em consideração (pelo fato de subjetivamente do mesmo) sobretudo no que tange as respostas que foram dadas ao instrumento de coleta de pesquisa.

O instrumento de coleta de dados da pesquisa foi um questionário semiestruturado, que continha 09 (nove) indagações, fruto de nossas inquietações, após as leituras aprofundadas de Almeida (1998); Araújo & Montenegro (2018); Cavalcanti (2016, 2018); Cordeiro (2010); Louro (2012; 2014); Jesus (2003) dentre outros. A escolha do questionário foi pensada a partir da situação em que se encontravam os sujeitos da pesquisa: em processo de conclusão do curso de Pedagogia e na fase de escrita do TCC.

O contexto atual, caracterizado pelo impacto das tecnologias nos diversos setores sociais, sobretudo na educação, possibilitou a viabilidade da pesquisa, uma vez que o instrumento de coleta de dados foi enviado e respondido por meio das mídias digitais, mais especificamente do aplicativo WhatsApp e/ou pelo correio eletrônico (e-mail), qualificando-se como um questionário semipresencial, pois, pudemos nos encontrar poucas vezes, para discutir sobre o assunto da pesquisa, com antecedência, deixando ciente o tema e, posteriormente, o arquivo em Word (2010) foi enviado, com um prazo de 5 (cinco) dias para coleta e retorno do questionário, já respondido. Essa característica não implicou na perda da qualidade do trabalho, pois, o questionário foi enviado, recebido e respondido com êxito pelos sujeitos da pesquisa.

Os dados relativos ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba foram colhidos na coordenação do curso, através de uma pesquisa em documentos, o número de discentes e docentes no departamento de Educação foi cedido pela secretária via correio

eletrônico (e-mail) e os dados referentes a grade curricular do ano de 2015 foi através do Projeto Pedagógico de Curso (PPC).

Com este aparato metodológico pudemos realizar uma pesquisa em torno da educação e do gênero, que se enquadrasse em nossas discussões em sala de aula, tanto em *Estágio Supervisionado V*, quanto em *Gênero e Direitos Humanos*, também ministrado pela professora orientadora. Além disso, nos deu um leque de conhecimentos acerca do tema e serviu de contribuição para o estado da arte sobre formação de professores, identidade docente e gênero.

Esperamos que o presente trabalho sirva de inspiração e base para estudos futuros na área de gênero ou de formação de professores, dando ênfase a estes profissionais de ensino, mais especificamente as professoras, que foram e são invisibilizadas e até injustiçadas pelos poderes públicos, quando na verdade, deveriam ser as profissionais mais bem alocadas socialmente, tendo em vista o caráter educativo social de sua função.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As mulheres tiveram no magistério, a oportunidade de inserção ao mercado de trabalho, principalmente com a chegada das Escolas Normais a partir de 1835, em Niterói, no Rio de Janeiro. Aos poucos, outras províncias brasileiras vão fundando essas escolas a fim de formar professores para ministrar e atuar no ensino primário. (TUNARI, 1970; VILLELA, 1992).

Sobre este aspecto, Cavalcanti (2018, p. 06) nos afirma que:

O acesso da mulher a educação propiciou sua entrada na carreira docente. O magistério se tornou o investimento de muitas mulheres, embora inicialmente, a profissão docente não a tornaria independente, muitas vezes, chegando a ser considerada um “passatempo” enquanto o marido não chegava. Porém, foi nesta profissão que muitas mulheres encontraram a chance para fugir de um sistema patriarcal, caracterizado pela submissão.

Progressivamente, as Escolas Normais tornam-se espaços de formar professoras, haja vista, o aumento do ingresso de mulheres na instituição e evasão dos homens. Logo, o magistério passa a ser visto como lugar de mulher. Como vimos tal profissionalização representou a liberdade, mesmo condicionada, destas sujeitas, lhes possibilitando representatividade e protagonismo social, ainda que de forma parcial.

O magistério atualmente, ainda é caracterizado em sua maioria, pelo público feminino. São as mulheres a maior quantidade de estudante existente nos Cursos de Formação de Professores, principalmente, no Curso de Pedagogia. Essa característica faz com que até cause certa estranheza quando os homens estão inseridos neste curso, uma vez que, historicamente, a ele foi delegado o cuidado, a paciência, a missão, a vocação e a sabedoria para educar crianças, atribuições esperadas socialmente, no sexo feminino, já que a mulher tem o “dom” da maternidade.

O nosso interesse pelo tema Gênero e educação surge, principalmente, a partir dessas premissas, pois, ao ouvir atentamente os memoriais acadêmicos das colegas concluintes do Curso de Pedagogia, percebemos que o magistério naturalmente, é condicionado, desde a infância, como curso de mulher.

Para esta pesquisa que tem como objeto de estudo as estudantes concluintes do semestre 2019.1, do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba e como

objetivo conhecer os motivos que as levaram à escolha do Curso, foram escolhidas oito estudantes.

O instrumento de nossa pesquisa foi um questionário, composto de 9 (nove) levantamentos que versavam sobre o curso e as vidas pessoais destas estudantes, no que tange as contribuições advindas da formação acadêmica. Analisamos, portanto, as questões de forma temática, agrupando-as conforme interesse e proximidade da discussão.

Foram analisados os motivos que levaram as estudantes para a escolha do Curso de Pedagogia levando em consideração a trajetória histórica da educação no Brasil, que por motivos de inferioridade entre os sexos, permitiu à mulher, sobretudo a partir do século XIX, o ingresso apenas no magistério, como fonte de trabalho.

Procuramos saber, através das respostas coletadas, se a questão da inferioridade entre os sexos ainda persiste atualmente, influenciando na escolha do curso do público feminino ou quais motivos podem existir para que as estudantes tenham optado pela Pedagogia, na atualidade, ou seja, no século XXI. Também procuramos elencar como o curso de Pedagogia é visto pelas jovens entrevistadas e quais contribuições do mesmo em suas vidas.

A análise de documentos, junto a coordenação do Curso de Pedagogia também nos permitiu destacar como o curso estava constituído e organizado, segundo o currículo normativo da Universidade Estadual da Paraíba, no período letivo em que elas ingressaram, 2015.1.

Entre os questionamentos elencados para a coleta de dados, primeiramente procuramos saber se o Curso de Pedagogia era a primeira opção no vestibular/Enem² e, por conseguinte, solicitamos que elas elencassem, quais os fatores as levaram para a escolha dele. Com as respostas colhidas, constatamos que das oito estudantes, quatro afirmaram que sim, Pedagogia foi a primeira opção e, quatro afirmaram que não, inclusive, que pretendiam fazer outros cursos.

No item que diz respeito aos motivos e fatores que as levaram a optar pelo Curso de Pedagogia, as quatro alunas que disseram “sim” elencam:

Aluna 02: Foi incentivo da minha mãe; incentivo de algumas pessoas da família; por ser um curso que tem muitas áreas de atuação e por me identificar na área.

Aluna 03: Meu maior fator foi o de alfabetizar totalmente minha mãe, pois o pouco que ela sabe fui eu que a ensinei.

Aluna 04: Inspirava-me nas professoras que eu tive.

Aluna 06: Gostar de crianças e o grande mercado de trabalho disponível em relação à outras áreas.

Em relação às alunas que disseram “não”, obtivemos as seguintes respostas, quanto à escolha de curso:

Aluna 01: Antes de fazer o ENEM, minha opção de curso era farmácia. Após a realização do mesmo, coloquei na inscrição Pedagogia como primeira opção.

Aluna 05: NÃO, antes de cursar pedagogia eu queria cursar enfermagem ou fisioterapia, algum da área da saúde.

² O Exame Nacional do Ensino Médio (também conhecido como Enem) foi criado em 1998 com o objetivo de ser uma avaliação de desempenho dos estudantes de escolas públicas e particulares do Ensino Médio. Disponível em < <https://descomplica.com.br/tudo-sobre-enem/enem/o-que-e-o-enem/> > Acesso em 11 ago. 2019

Aluna 07: Pedagogia não foi minha primeira opção ao usar a nota do Enem em 2015. Eu pretendia cursar Enfermagem.

Aluna 08: Eu queria muito cursar Psicologia, porém, por causa da minha nota e insegurança de ser ou não chamada em outra chamada, coloquei Pedagogia para garantir minha vaga no Ensino Superior.

Quanto os motivos que as fizeram desistir dos cursos citados para ingressarem na área de Educação refletiram que,

Aluna 01: Primeiramente, foi o meu gosto por ensinar, sempre tive habilidades que ajudavam minhas colegas de classe a aprender os conteúdos. Como também por sempre ter tido a vontade de atuar na educação.

Aluna 05: Permaneci e concluí o curso de Pedagogia pelo fato de estar adquirindo conhecimento, e sempre à procura de uma formação capaz de me fazer uma pessoa melhor. O embasamento teórico que adquiri ao longo do curso me abriu a mente e me fez ver o mundo de um modo mais crítico.

Aluna 07: Um presente que ganhei quando era criança, uma lousa pequena, na qual eu brincava de escolinha sozinha, copiando as atividades do livro didático da escola; Acredito que as atuações como catequista na minha comunidade; Auxiliar em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, para desenvolvimento da leitura; Monitora do Programa Mais Alfabetização com Reforço Escolar e Brinquedoteca; Reforço Escolar para alunas com dificuldades de aprendizagem na minha casa.

Aluna 08: Eu gostei de toda a teoria que vi no decorrer do curso. De entender como o processo de aprendizagem acontece e os fatores que o envolvem. A história da educação, seus avanços, as culturas e as diferenciações que tornam o sujeito um ser único me ‘prenderam’ ao curso. Eu acho que o meu gostar pessoal pelo desconhecido, por entender aquilo que ainda não sei me motivaram a chegar até aqui.

Diante os depoimentos e resultados dispostos acima, percebemos que dentre as oito entrevistadas, 50% (cinquenta por cento) optaram pelo curso de Pedagogia, por livre arbítrio ou por alguma influência, seja de familiares, seja da sua trajetória pessoal como afirma Cordeiro (2010, p.63) “experiências de vida e do ambiente sociocultural que se desenvolveram”. Com o restante da amostra os resultados indicam que as mesmas não optam por Pedagogia num primeiro instante, mas em outros cursos da área de Saúde, em sua maioria. Apenas posteriormente, por motivos elencados por elas, escolhem a Pedagogia.

Os resultados concluídos no parágrafo acima nos mostra um índice citado por Almeida (1998) e supracitado neste trabalho, de que as mulheres, no século XIX deveriam realizar atividades voltadas ao cuidado, desta forma “o doar-se com nobreza e resignação, qualidades inerentes às mulheres, era premissa com a qual também afincavam-se profissões como enfermeira ou parteira” (ALMEIDA, 1998, p.32), por causa da sua condição de mulher, analisada aqui enquanto gênero, o que se espera da mulher, sua função social. Nos depoimentos que indicavam “não”, os cursos elencados foram Farmácia, Enfermagem (aparecendo em dois depoimentos), Fisioterapia (aparecendo como segunda opção de uma das moças) e Psicologia, os quais tem por viés o cuidado direto ou indireto com a saúde do ser humano fomentam esta premissa.

Diante desta realidade também constatamos que uma das alunas que mencionou escolher Pedagogia, posteriormente á não conseguir ingressar no curso almejado, de seu interesse, citou a questão do ingresso ao nível superior. Em relação a isto, indagamos as

entrevistadas o porquê delas buscarem uma graduação, as respostas que encontramos estão dispostas no gráfico abaixo:

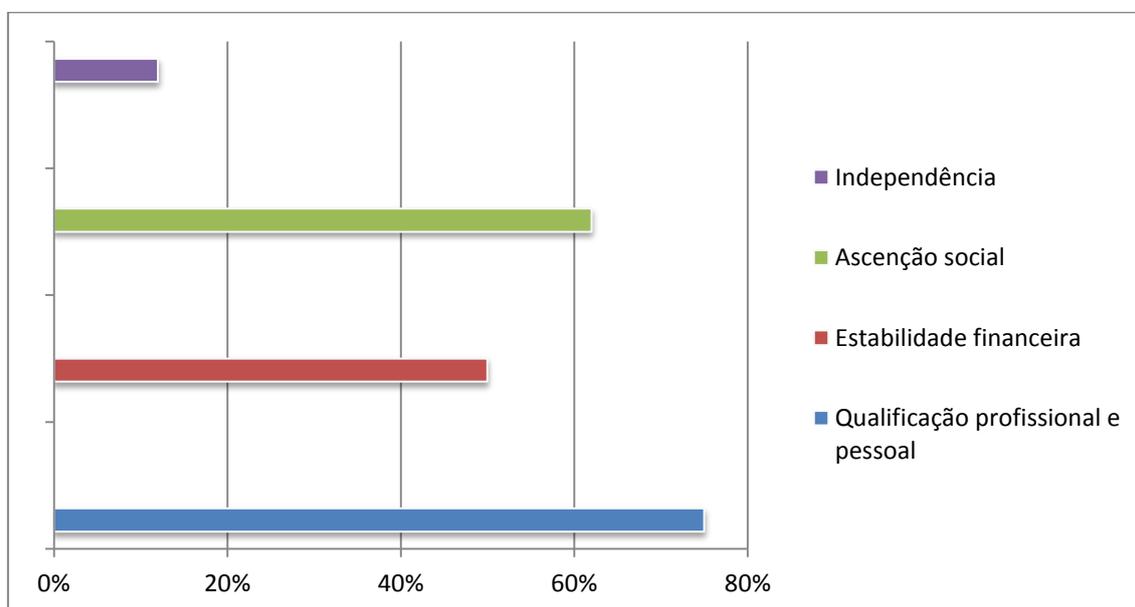


Figura 1 – Percentual de motivos recorrentes para ingresso na graduação. **Fonte:** Autoral.

A partir do gráfico, pudemos comparar a recorrência das respostas, constatando que setenta e cinco por cento (cor azul) das respostas indicou a busca por qualificação profissional e pessoal; cinquenta por cento (cor vermelha) a busca por estabilidade financeira; aproximadamente sessenta e dois por cento (cor verde) a busca por ascensão social e, por fim, aproximadamente doze por cento (cor lilás) a busca por independência. A elaboração deste gráfico pauta-se na frequência de respostas e não na quantidade de pessoas.

Partindo dos resultados supracitados para uma análise do que foi apresentado no decorrer deste trabalho sobre os aspectos e os motivos que levaram as mulheres a optarem pelo magistério, nos referenciamos novamente em Almeida (1998, p.37) quando nos traz que “a possibilidade de profissionalizar-se, via magistério primário, era um meio de as mulheres poderem vislumbrar uma chance de sustento sem a obrigação do casamento ou a humilhação de viver da caridade alheia”. Desta forma, percebemos que alguns motivos para a escolha do curso do Magistério existentes nos séculos XIX e XX permanecem até hoje, no século XXI, no que tange a escolha pela graduação em Pedagogia, das estudantes consultadas.

A busca por independência, um trabalho remunerado que possibilite o crescimento profissional e pessoal, tal como estabilidade financeira e busca por melhores condições de vida são motivos mencionados que diretamente se relacionam com os dados estudos, e estão semelhantes aos encontrados no levantamento bibliográfico, feito anteriormente, sobre a mulher que tentando conquistar espaço no meio social, encontra no magistério, o ingresso na profissionalização docente.

Outro ponto destacado foi à percepção destas alunas quanto ao curso de Pedagogia e a profissão de professor antes de ingressar no curso e depois de graduandas,

Aluna 01: O que eu conhecia sobre pedagogia era apenas uma área voltada para cuidar de crianças. E o professor aquele que ensina os conteúdos. Após a graduação,

a concepção sobre pedagogia e o professor mudou completamente e foi o que me fez permanecer na graduação de Pedagogia. Pedagogia para mim atualmente é uma grande área da Educação, não aquela que serve para cuidar de crianças, mas a que é responsável pela a formação escolar, social e a consciência crítica das mesmas. É responsável por garantir os direitos e o ensino aprendizagem das crianças na Educação infantil e no Ensino Fundamental I e II, como também dos jovens e adultos da EJA. A Pedagogia permite ao profissional ser pedagogo (a), psicopedagogo (a), gestor (a), coordenador (a), pedagogo (a) hospitalar, é uma área ampla. Em relação ao professor minha concepção hoje, é de que o mesmo é um mediador do conhecimento, facilitador do ensino aprendizagem, na qual, proporciona meios para despertar a curiosidade e criatividade dos alunos, como também problemas e soluções. E a partir disto, formar um cidadão crítico reflexivo, que tem conhecimento da sua realidade e é capaz de transformá-la.

Aluna 08: O que eu conhecia da Pedagogia era o simplório: ser professora de criança. Minha mãe cursou o pedagógico e atuava na área, então, o que eu sabia se resumia ao que eu via minha mãe fazendo: ensinar crianças a ler e escrever. Professor era o típico ‘detentor do saber’. Aquele sujeito superior, responsável por ensinar conteúdos predeterminados e capaz de responder todas as perguntas feitas. Hoje, sei que a Pedagogia perpassa as paredes da sala de aula e vai além de ensinar a ler e escrever. A Pedagogia abrange áreas distintas do conhecimento e todos os aspectos do desenvolvimento humano. O professor, alguém quase inalcançável anteriormente, hoje é visto como um mediador entre o aluno e o conhecimento; aquele que facilita o processo de aprendizagem dos seus alunos e que não é superior, mas tão igual quanto.

Por curiosidade, também indagamos a respeito da visão dos familiares e amigos acerca do curso que as estudantes escolheram para seguir carreira. Sobre esta questão, três das oito estudantes relataram que tiveram o apoio da família:

Aluna 01: Sempre me apoiaram a seguir essa profissão, dizem ser um ramo bom para emprego.

Aluna 04: Os meus pais me apoiam. As críticas vêm mais de parentes de fora

Aluna 06: Todos apoiam a minha decisão e me incentivam a continuar na busca por mais conhecimentos.

O restante comenta que teve o apoio da família, mas que alguns familiares e amigos colocaram dificuldades, empecilhos e mostraram o curso como escolha errada para elas, como vemos nos depoimentos a seguir:

Aluna 02: Alguns familiares apoiam, reconhecendo a importância do ser professor. Outros pelo fato de ter muitas áreas de atuação. E outra boa parte, incluindo professores, não apoiam, dizem que é muito sofrimento e que seria melhor procurar outra coisa para fazer.

Aluna 03: Meus familiares foram só elogios, principalmente meus pais agora alguns amigos me criticaram bastante pela à escolha o que não teve nenhuma relevância para mim.

Aluna 05: Alguns dizem que eu escolhi errado, que vou sofrer muito. Deveria ter feito enfermagem, pois já estaria empregada. Outros não dizem nada, e, alguns poucos acham que é um curso muito bom e me desejam sorte.

Aluna 07: É relativo, pois têm aqueles que me perguntam por que professora diante de um cenário tão difícil da educação brasileira, aonde os alunos não obedecem ao professor e esse tende a trabalhar demais, se estressar muito e tal, com alguns eu faço questão de fazer toda uma discussão sobre o que é realmente a profissão que eu escolhi outros apenas escuto. Entretanto, por outro lado, tem aqueles que compartilha da minha satisfação, apoiando, incentivando e perguntando sobre, o que me deixa mais feliz, mas, o que realmente importa é o que pensa os meus pais, esses sim estão do meu lado desde o começo e sempre incentivaram, pois sabem da minha história antes e depois da academia.

Aluna 08: Meus pais sempre me apoiaram em todas as minhas decisões. Os meus parentes mais próximos entendem e se orgulham de mim e das minhas conquistas. Outros mais distantes julgam que eu não soube escolher ou que eu cometi o mesmo “erro” da minha mãe. Dizem que minha renda será baixa e que eu deveria ter feito outro curso superior.

Os resultados mostrados acima, quanto a visão que as estudantes tinham do Curso de Pedagogia e do que é ser professor(a) para elas, nos mostram uma disparidade significativa nos conceitos antes e depois do ingresso no mesmo. Não nos detemos a destacar cada um dos depoimentos em virtude de a leitura ficar extensa e cansativa, contudo, os que foram trazidos à análise significam, de maneira geral, a visão da maioria. Nesse sentido, percebemos, através das respostas colhidas, que a visão simplificada e até preconceituosa que as alunas tinham da profissão, pode estar relacionado ao caráter diminutivo que foi direcionado ao magistério, durante o século XX, principalmente, quando se refere ao gênero que é predominante nesta área, pois, como cita Almeida (1998, p.20) “Ao incorporar que o magistério era um trabalho essencialmente feminino [...] alocaram no sexo do sujeito a desvalorização da profissão”.

Ainda na premissa assinalada acima, nos detemos a analisar o segundo questionamento feito, em relação à visão de familiares e amigos sobre o Curso de Pedagogia, os resultados apontaram que cinco, das oito entrevistadas, relataram em seus depoimentos que alguns familiares apoiam a escolha do curso, contudo, uma outra parte de amigos e familiares distantes a recriminam em virtude de destacar aspectos negativos como: ser um curso que causará sofrimento; que não mostra relevância para vida das pessoas, em virtude dos problemas educacionais enfrentados pelo nosso país; que foi um erro. Estas visões negativas estão relacionadas aos estereótipos que se tem da carreira docente, uma vez que, historicamente, a profissão ser de mulheres e por conseguinte, ter sido tão desvalorizada:

A categoria profissional, a professora como pessoa e a própria relação pedagógica sofreram, concomitantemente, no plano objetivo, uma efetiva desvalorização profissional e um processo de desqualificação que, ainda nos tempos atuais, não dá mostras de reversibilidade. (IBID, p. 20)

Ainda sobre este aspecto, Louro (2012, p.474), nos diz que na segunda metade do século XX, com o advento dos *experts* e especialistas no cenário nacional, “professora seria – como usualmente é a tia – alguém que não detém autoridade para decidir sobre a educação das crianças. [...] à professora caberá ser tia de seus alunos”. Ou, como veiculado pelas mídias como cinema, televisão e emissoras, literaturas, até mesmo histórias em quadrinhos, a imagem do docente esteve associado ao bom professor e a boa professora. Como aponta Cordeiro (2010), ser professor, neste imaginário, configura-se ainda como missão, mais até do que como profissão. Os professores são vistos como heróis que se dedicam aos seus alunos de forma prazerosa, apesar da dura realidade que em frente em relação á baixos salários e desvalorização do contexto educacional que está inserido.

O Brasil não foge a regra supracitada, o que é propagado a partir das mídias televisas e digitais, é a precariedade do nosso sistema educacional, principalmente no que tange a precariedade da profissão nos mais diversos lugares do país. Ainda segundo Cordeiro (2010) estas premissas só fomentam o inevitável da encenação midiática, que apesar de todos os obstáculos, empecilhos, desafios e dificuldades, no fundo estes profissionais sentem-se “recompensados pelo pouco ou muito que conseguem doar aos seus alunos” (p.42).

As ideias apontadas acima só fomentam ainda mais o discurso de desvalorização da profissão docente, tida como vocação e missão, por conseguinte, valorizada e de prestígio, no século XX, atualmente, século XXI, estes conceitos são relacionados a baixos salários, precariedade nos ambientes de trabalho, falta de materiais pedagógicos, dentre outros. Portanto, frente a esta realidade, um dado que consideramos pertinente investigar, foi se houve influência de algum familiar dessas estudantes, de forma positiva ou negativa, que trabalhasse na área da educação, desta forma,

Aluna 01: Sim, somos primas e sempre que estamos juntas dialogamos sobre a profissão e sua atuação por já ser formada e atuar na área.

Aluna 02: Sim, a maioria das minhas primas e primos são professores. Minha relação com alguns é bem proveitosa, pois recebo incentivo e apoio para o que precisar, já com outros não é proveitoso com relação ao curso, já que são frustrados com a profissão.

Aluna 04: Exerce sim. Minha relação com ela é boa, no entanto, ela não me passa entusiasmo acerca da profissão e nem queria que eu tivesse escolhido pedagogia.

Aluna 06: Minha avó exercia o magistério mesmo sem ter um curso profissionalizante. Infelizmente não cheguei a conhecê-la, pois a mesma faleceu antes do meu nascimento. Contudo, já ouvi relatos de muitos de seus alunos que era uma excelente alfabetizadora. Minha mãe também trabalha no meio educacional, não como professora, mas como agente administrativa na Secretária de Educação do Município a mais de 30 anos, então acredito que o fato dela está imersa no contexto educacional me influenciou bastante.

Aluna 07: Na minha família não há nenhum profissional pedagogo, nem professor específico. Mas, agora uma prima esta cursando Pedagogia semipresente, não temos uma relação muito próxima e por isso não comentamos sobre a profissão.

Aluna 08: Minha mãe exerce. Minha relação com ela é muito agradável e sempre admirei a sua profissão e soube das suas dificuldades. Tenho orgulho da minha mãe-professora e seu que ela também tem orgulho de mim, não por ter escolhido a Pedagogia, mas por quem eu sou e de todo o meu esforço.

De maneira didática, a partir da construção de gráficos, temos,

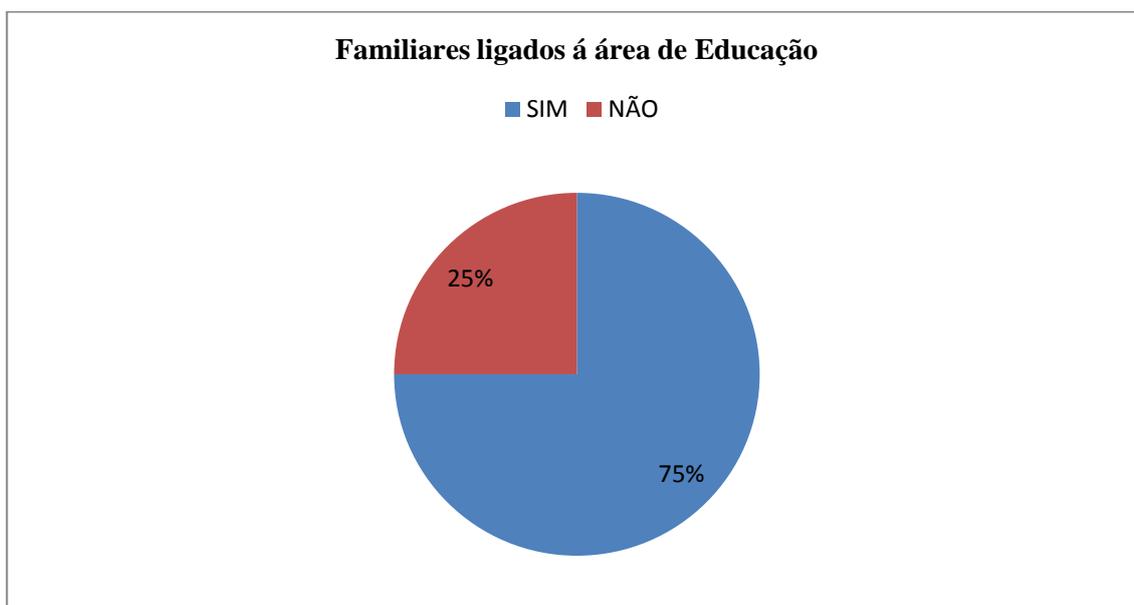


Figura 2 - Índice de familiares envolvidos na Educação. **Fonte:** Autoral.

Vinte e cinco por cento (cor vermelha) não tem nenhum familiar envolvido com a área da educação, enquanto setenta e cinco por cento (cor azul) possui algum membro da família inserido nesta área, geralmente uma tia, mãe ou primos.

Diante resultados obtidos é perceptível que de forma direta ou indireta os profissionais, da família das estudantes, acabaram contribuindo para as escolhas que elas tomaram ao longo da vida, inclusive, a opção de curso, pois como trata Jesus (2003, p.24) “Desmistificar o discurso de que para ser professora é preciso nascer com um dom, “ter vocações” é um importante ponto de partida para percebemos o quão complexa é esta profissão”. Nesse sentido, concordamos com sua abordagem.

Dentro do questionário, também indagamos sobre as contribuições do Curso de Pedagogia na vida profissional e pessoal das estudantes. Dessa forma, foram elencados dois questionamentos: o primeiro foi em relação às contribuições efetivas do curso nas vidas delas e o segundo foi como elas se viam perante a construção das próprias histórias, ou seja, enquanto sujeitos sociais.

Para a primeira indagação encontramos que, de maneira geral, o Curso de Pedagogia trouxe contribuições, tanto ao âmbito acadêmico, profissional, quanto ao âmbito social, pessoal, por ser um curso que permeia várias áreas e promove o crescimento e o amadurecimento dos indivíduos que nele se inserem. Sobre esta questão vejamos alguns depoimentos:

Aluna 01: A partir da Pedagogia tive a consciência da minha importância na sociedade, faço parte do desenvolvimento da mesma, como também despertou em mim a consciência crítica e reflexiva da minha realidade e o desejo de transformá-la sempre para melhor. Em relação ao pessoal, aprendi a ser uma pessoa compreensiva com as especificidades do outro, saber que cada um tem o seu potencial, e a ser empática e colaborativa.

Aluna 03: Total importância! Ensinou-me ser um ser humano melhor enquanto pessoa, enquanto mulher, que eu posso ser e está onde quiser. Ensinou-me a ter um olhar mais humano com as pessoas ao meu redor e quebrar preconceitos sem nexos algum.

Aluna 05: Sim, sem dúvidas, como já mencionei, eu me tornei uma pessoa com um olhar mais crítico e reflexivo. O curso me abriu portas, me proporcionou conhecer pessoas incríveis, professores extremamente inteligentes e comprometidos com a formação de professores e de uma educação de qualidade.

Aluna 06: Sim. Durante toda a formação foi possível enxergar alguns problemas sociais que antes não conseguia enxergar e, frente a isto, construir uma visão melhor sobre o mundo e seus problemas e como posso interferir/ajudar-nos mesmos como educadora.

Para o segundo questionamento, recebemos os seguintes apontamentos:

Aluna 02: Vejo-me como uma pessoa que ainda tem muito que aprender. Mas que aprendeu e está aprendendo a fazer história, refletindo e lutando contra as ideias que nos são impostos.

Aluna 05: Sinto-me protagonista, creio que as conquistas adquiridas ao longo de minha vida foram advindas de minha perseverança e vontade de mudar, fazer a diferença de alguma forma.

Aluna 06: Uma percepção de lutadora, guerreira que busca e faz acontecer sua própria história.

Aluna 07: É um processo muito dinâmico, ao mesmo instante que determinada sou muito dependente, muitas vezes eu penso que o do outro é sempre melhor que o meu, mas eu sempre luto e busco fazer bem feito, dar o melhor de mim, não busco ser exemplo pra ninguém, busco apenas retribuir o esforço e dedicação dos meus pais durante todo o processo da minha vida e construção da minha história, sendo assim, acabo por esperar que eles decidam por mim, mas, com muito esforço eu tento superar, e por isso cada vez que isso acontece cresço mais um pouco, que eu sempre faça o melhor por que eles me ensinaram, mas que eu seja protagonista da minha história com minhas próprias escolhas.

No que tange aos aspectos acima elencados, percebemos que, diante resultados, cursar a Licenciatura em Pedagogia não trouxe apenas contribuições como um diploma ou um título, mais que isso, trouxe contribuições diretas e indiretas para vidas das estudantes, melhorando as relações interpessoais e as formas de ser e estar no mundo, como aponta Almeida (1998, p.48) que a “educação exerce papel determinante nas relações sociais, familiares, trabalhistas e entre os sexos, acarretando modificações nas mulheres e no seu modo de vida”.

As estudantes destacaram, no decorrer da discussão anterior, que o curso de Pedagogia faz parte de uma área que abrange várias outras áreas do conhecimento. A partir dessa compreensão achamos que seria relevante trazer a visão que as estudantes têm sobre os cursos de formação de professores, mais especificamente sobre o Curso de Pedagogia em que se graduaram. Nesse sentido, destacamos os depoimentos de seis alunas que levantaram aspectos positivos e negativos:

Aluna 01: Bom, mas durante a graduação senti falta de aulas práticas que nos possibilitasse ter uma melhor compreensão de como realizar a teoria na prática. E a falta de diálogo da parte administrativa do curso com os docentes em relação as realidades existentes, como por exemplo, sobre a carga horária, e a atuação de alguns professores em sala de aula.

Aluna 03: É um curso muito rico que abrange várias áreas de conhecimentos por esse motivo cobra-se muito dos educandos. Na minha concepção deveria ter uma

revisão nos métodos de ensino de alguns professores que não condizem com campo acadêmico, tipo aqueles professores que só passam slides deixando a aula cansativa e nada atraente.

Aluna 05: A depender da instituição, os cursos são relativamente bons, porém, ainda sinto uma carência/preparação para a atuação nos estágios. Esses são em sua maioria conturbados. Fora isso, a formação teórica de meu curso é boa e a maioria dos professores conseguem fazer analogias com a realidade das escolas. Mesmo assim, ao termos o primeiro contato com as escolas, a prática propriamente dita, nos choca por ser muito diferente.

Aluna 06: Apesar de sempre passarem por inúmeras reformas, os cursos de formação docentes ainda não conseguem abranger a dimensão que a área existe, seja pelos maus profissionais que lecionam ou por falta ou insuficiência de componentes curriculares, contudo acredito que na medida do possível os cursos ofertam o que há de melhor no momento, tentando oferecer a melhor formação profissional possível dentro do limite.

Aluna 08: Apesar das dificuldades e dos ajustes que precisam ser feitos principalmente no que diz respeito à junção de teoria e prática, os cursos de formação são amplos e apresentam múltiplos caminhos. Não se restringem apenas a um contexto ou área de atuação e permitem que você aprenda de tudo e escolha aquilo que mais se identifica.

Como foi exposto pelas alunas nos depoimentos, pontos como carga horária extensa, métodos de ensino e metodologias de alguns professores, relação entre teoria e prática, disponibilidades de materiais e recursos são pontos que precisam ser melhorados no curso.

Além dos resultados que os questionários nos trouxeram, procuramos conhecer também, a estrutura curricular do Curso de Pedagogia que a Universidade Estadual da Paraíba ofertava, no ano de 2015, quando se deu o ingresso das estudantes, no referido curso. De acordo com dados fornecidos pela coordenação e após a análise de documentos, o Curso de Pedagogia tinha a seguinte estrutura, do 1º (primeiro) ao 8º(oitavo) semestres letivos:

1º semestre - Filosofia da Educação; História da Educação; Antropologia da Educação; Metodologia da Educação; Biologia da Educação e Sociologia da Educação;

2º semestre - Filosofia da Educação II; História da Educação II; Sociologia da Educação II; Psicologia da Educação; Epistemologia da Educação; Leitura e elaboração de textos; Educação especial I e Ética e Educação;

3º semestre - Didática; Política e Gestão Educacional I; Psicologia, desenvolvimento e aprendizagem I; Planejamento e Avaliação Educacional I; Currículo; Estágio Supervisionado I;

4º semestre - Política e Gestão Educacional II; Psicologia, desenvolvimento e aprendizagem II; Planejamento e Avaliação Educacional II; Educação especial II; Estágio Supervisionado II; Educação e Tecnologias; Educação e Trabalho; Pesquisa em Educação;

5º semestre - Psicolinguística; Psicomotricidade; Literatura Infanto-juvenil e escolarização; Conteúdo e metodologia do ensino de Artes; Educação Infantil I; Psicopedagogia; Estágio Supervisionado III;

6º semestre - Educação de Jovens e Adultos; Língua Brasileira de Sinais; Conteúdo e Metodologia de Ciências Naturais; Diversidade, inclusão social e Educação; Educação Infantil II; Estágio Supervisionado IV; Componente de aprofundamento³;

7º semestre - Conteúdo e Metodologia de História; Concepções e Metodologia da Alfabetização; Conteúdo e Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa; Educação, Meio Ambiente e Escolarização; Estágio Supervisionado V; Componente de aprofundamento;

8º semestre - Conteúdo e Metodologia do Ensino de Geografia; Conteúdo e Metodologia de Ensino de Matemática; Cultura Afro-brasileira e Indígena; Estágio Supervisionado VI; Componente de aprofundamento.

Na estrutura curricular do Curso é forte a presença de várias áreas do conhecimento, item levantado pelas estudantes.

Comparando o currículo do Curso de Pedagogia no século XXI com o de magistério do século XIX, percebemos grandes mudanças que se explicam pelas transformações sociais que, conseqüentemente, fizeram com que os cursos de formação de professores também mudassem, pois, cada movimento imerso no campo educação ou transformação respaldava em um perfil para o professor e para educação, como afirma Cordeiro (2010, p.49) sobre o perfil do professor na transição da escola Tradicional⁴ para a Escola Nova⁵, “seria necessário [...] adotar procedimentos e concepções pedagógicas modernas, progressistas, sintonizadas com as rápidas mudanças na sociedade e no conhecimento científico”

Por fim, destacamos a atual composição de discentes e docentes do curso de Pedagogia, a partir dos dados coletados na coordenação, vejamos,

³ São componentes obrigatórios, de aprofundamento, fornecidos pela grade curricular do curso, com a finalidade de cumprir a carga horária dos cursistas.

⁴ O **professor** é o guia do processo educativo e exerce uma espécie de “poder”. Tem como função transmitir conhecimento e informações, mantendo certa distância dos alunos, que são “elementos passivos”, em sala de aula. Disponível em < <https://www.pedagogia.com.br/conteudos/tradicional.php>> Acesso em 11 ago. 2019

⁵ O **professor** é um facilitador da aprendizagem, que auxilia o desenvolvimento espontâneo da criança. Ele não deve ensinar, mas criar situações para que os alunos aprendam. Disponível em < <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=355>> Acesso em 11 ago. 2019

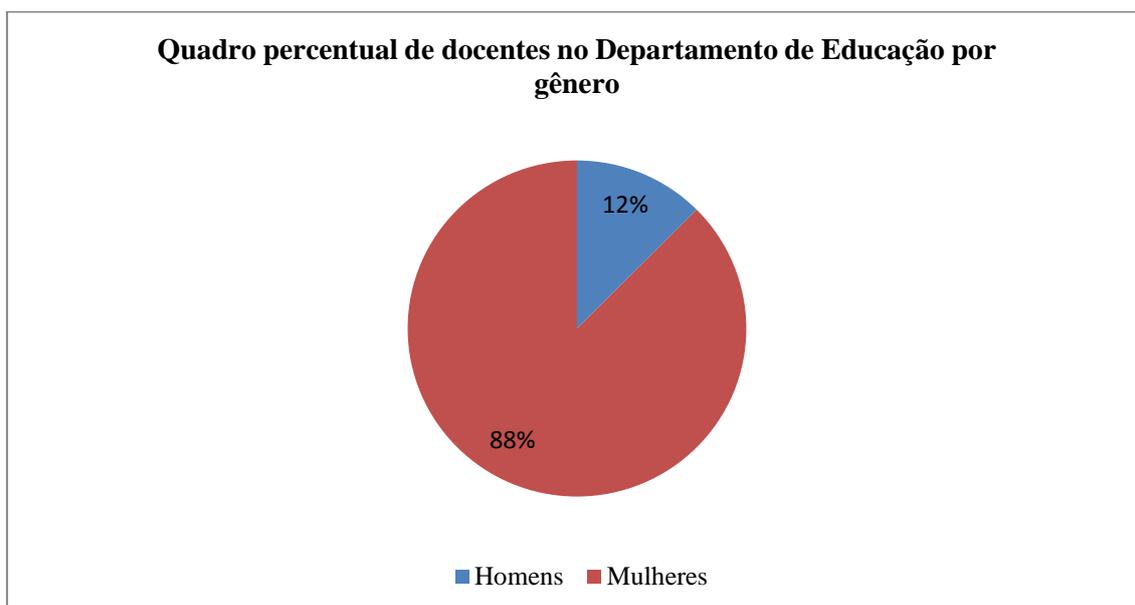


Figura 3 - Quadro percentual de docentes no Departamento de Educação. **Fonte:** Autoral.

Como podemos percebermos, a partir do gráfico elencado acima, o quadro de docentes (figura 3) constituído por 40 professores, apresenta oitenta e oito por cento mulheres (cor vermelha) e doze por cento homens (cor azul). Agora vejamos o quadro de discentes, também categorizado por gênero,

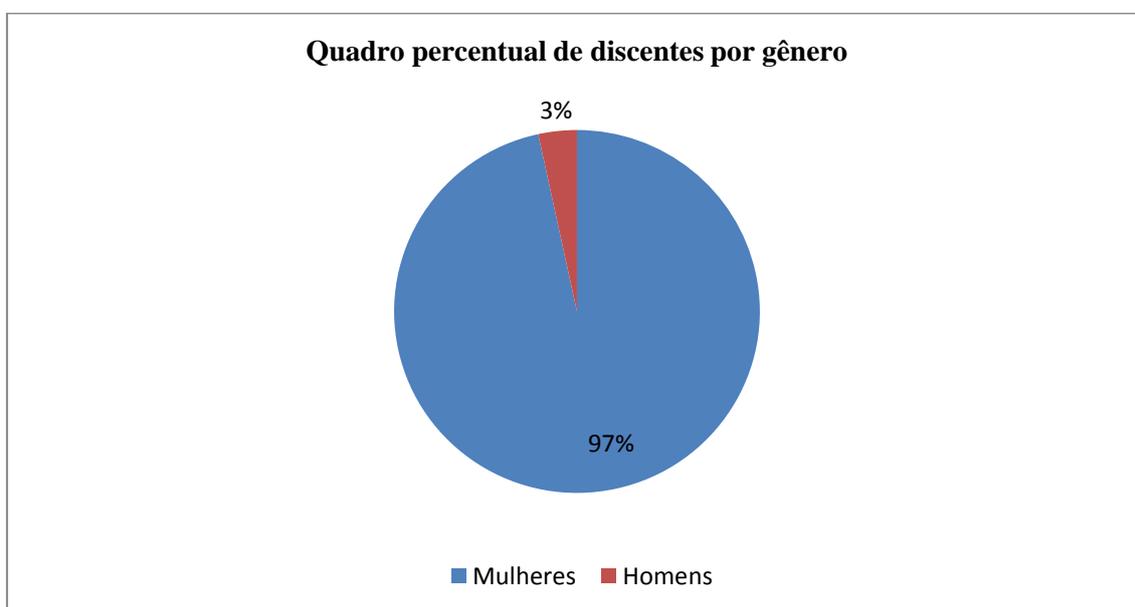


Figura 4 - Quadro percentual por gênero no quadro de discentes. **Fonte:** Autoral.

No quadro de discentes, estavam matriculados, no semestre da presente pesquisa (2019.1) 440 alunos, sendo de acordo com as amostragens do gráfico acima noventa e sete por cento mulheres (cor azul) e três por cento homens (cor vermelha).

Diante a realidade dos dados, em análise a constituição de gênero, percebemos que os respaldos históricos do processo de *feminização do Magistério* estão presentes até hoje. Numa

instância marcada inicialmente por homens, nos primórdios da educação formal em nosso país, e posteriormente marcado pelas mulheres, o campo educacional teve mudanças recorrentes ao longo da história, que tem impactos até hoje. Um deles e muito forte é a grande presença de mulheres na área da educação, mais especificamente, no Curso de Pedagogia. Essa presença de muitas mulheres é acentuada, sobretudo, pelo fato de que o magistério foi considerado curso de mulher, a partir do momento em que as Escolas Normais se enchem de moças, como aponta Louro (2012).

Desde então, ainda que a presença masculina tenha crescido nos Cursos de Pedagogia, as mulheres ainda são seu maior público, de tal forma que chega a causar estranheza o fato de ter um homem inserido nesta licenciatura e principalmente, atuando na Educação Infantil ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

A pesquisa realizada com as estudantes concluintes do semestre 2019.1 do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, nos deu margem para compreender estas e outras questões de gênero, que vêm imbricadas na sociedade como via de regra: o magistério é para as mulheres. Desse modo percebemos certo direcionamento dado às mulheres, desde a infância, para a docência, embora essa tenha sido uma área que perdeu a valorização e o status de outrora, na época das Escolas Normais, por exemplo.

A pesquisa ainda revelou outros aspectos a partir dos dados levantados nessa, podemos constatar conforme as reflexões trazidas à realidade do nosso país em relação aos aspectos educacionais, campos de atuação; visibilidade social; constituição, mesmo que de forma parcial, dos sujeitos que estão sendo inseridos no mercado de trabalho; qualificação profissional; identidade de gênero; avaliação institucional e de curso, especificamente os de formação e Pedagogia, dentre outros. Portanto, a presente pesquisa se faz de extrema relevância, haja vista, as descobertas que podemos trazer em contribuição à academia, a formação de professores, formação continuada; discussões sobre gênero, sociedade e poder, dentre outros, além de informar a sociedade como um todo.

5. CONCLUSÃO

Historicamente, o contexto que permitiu as mulheres se tornarem professoras foi marcado por disputas de gênero e poder, caracterizado pela busca do direito de participação social e igualdade, fruto das reivindicações sociais do final do século XIX e início do século XX.

Através das inúmeras leituras realizadas sobre gênero, constatamos que é necessário desconstruir o que é estabelecido socialmente como sendo “de homem” e “de mulher” tendo em vista que a relação desigual serve para justificar os preconceitos sociais, as ações de discriminações.

As mulheres do século XIX procuraram, a partir da educação, se formalizar enquanto sujeitos sociais, buscando ter um destino diferente do direcionado ao casamento, com uma independência perante uma profissão salariada e o acesso aos conhecimentos e saberes instituídos, quebrando os patamares impostos pelo mandonismo social e o preconceito imbricado a elas, enquanto seres inferiores. Recordamos, os fatores que fizeram as mulheres, brancas, de classe alta e média, saírem de suas casas para atuarem no campo educacional, num processo que ficou conhecido por feminização do magistério.

Portanto, a partir de uma revisão bibliográfica, pudemos investigar quais os motivos que fizeram as mulheres escolherem o magistério, principalmente, a partir do ingresso das

Escolas Normais no Brasil, e permanecerem nele, mesmo com o passar dos anos aparecendo até a atualidade.

A importância de compreendermos as discussões de gênero para estabelecermos as correlações entre os fatos estabelecidos no percurso histórico foi fundamental para a construção desse trabalho. Nossa pesquisa de metodologia quanti-qualitativa, de natureza subjetiva, buscou analisar os motivos que levaram as estudantes concluintes do Curso de Pedagogia a optarem por ele. Percebemos, a partir dos depoimentos presentes nas respostas do questionário, que a escolha do público feminino pelo magistério persiste até os dias atuais.

Ainda de acordo com os resultados encontrados, constatamos no primeiro item assinalado o qual fala sobre a escolha de optar pela carreira no magistério a partir do ingresso no Curso de Pedagogia enquanto primeira opção de curso, as respostas apresentadas diferem do que esperávamos: que houvesse uma rejeição à área. As entrevistadas que disseram que não pretendiam cursar a Licenciatura em Pedagogia nos revelou uma surpresa ao relatar que os cursos da área da Saúde, eram as suas pretensões iniciais. Neste sentido pensamos que ambos os cursos, da área da Educação ou Saúde, estão relacionados ao direcionamento da mulher no processo de profissionalização voltado ao cuidado.

As respostas ao segundo item da pesquisa, que foi a respeito da busca por uma graduação, quais fatores as levaram buscar uma graduação e até mesmo uma graduação a qual elas não almejavam de início, estavam dentro do esperado, haja vista, sua correlação direta com as questões de gênero imbricadas, tanto na sociedade do século XIX, quanto da nossa. Os resultados mostraram recorrência nos fatores que levaram as moças a buscarem uma profissionalização, elas pretendiam atingir a qualificação profissional e pessoal, exigida pelas sociedades de cada época, para que conseguissem novas oportunidades, estabilidade financeira, independência. Na sociedade atual, a distinção de gênero para homens e mulheres na profissão docente ainda é acentuada, pois, encontramos disparidades de salário e de condições de trabalho para ambos os sexos.

Com relação ao item que tratou sobre a visão das estudantes tem do Curso de Pedagogia, bem como de alguns familiares e amigos, a respeito do curso e da profissão de docente, os resultados que encontramos revelaram que a perspectiva das estudantes antes do curso era simplista, mistificada, negativa, porém, depois da formação acadêmica as concepções e anseios se encheram de propósito e conceitos científicos que entrelaçam a profissão docente no século XXI. A percepção dos familiares e amigos, entretanto, ainda é de desvalorização da profissão e carreira docente. A pesquisa indicou que a minoria das concluintes teve o apoio dos familiares e também, que ouviam discursos que as desmotivavam, tendo em vista, a gama de dificuldades e problemáticas enumeradas pelos sujeitos de seu convívio social. a construção histórica que se tem da profissão relacionada várias vezes a desqualificação e inferioridade, também em decorrência da construção de gênero.

Em relação ao questionamento das estudantes terem alguém da família que trabalha ou já trabalhou na área da Educação, os dados apresentaram que a maioria das entrevistadas tem algum familiar atuando nessa área. Este dado foi de suma importância, pois tínhamos como ideia de que as famílias envolvidas com a educação pudessem influenciar na escolha da carreira. Entretanto, o que constatamos foi que as respostas das concluintes não apontam a influência dos familiares para a escolha do curso.

Outro item abordado foi sobre as contribuições do Curso de Pedagogia para a vida das estudantes. Ambas relataram que, de forma profissional, tiveram diversas contribuições no campo acadêmico a partir do contato com os vários conhecimentos, teorias, autores. No campo profissional, por passarem por uma qualificação relevante para o mercado de trabalho.

E no campo pessoal, por terem tido um crescimento e amadurecimento enquanto sujeitos em formação, por terem apresentado melhorias nas relações interpessoais, entre outros fatores.

Ficou sinalizado nas respostas do questionário que assim como os motivos elencados no decorrer deste trabalho para o ingresso de mulheres no magistério no século XIX, os motivos persistem e se adaptam ao atual contexto. Na área da educação, não são gritantes as disparidades, contudo, a busca por melhores salários e condições de trabalho deve ser uma luta permanente.

Outro quesito foi a visão das mesmas sobre os cursos de formação, destacado por extensas cargas horárias, métodos de ensino cansativos e enfadonhos, dificuldade para manter a correlação entre teoria e prática, principalmente nos componentes que são de teor teórico, além da falta de disponibilidades de materiais para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Um ponto relevante foi à abrangência na área, que é perceptível, a partir dos resultados do índice do currículo do curso, coletados na coordenação. O curso de Pedagogia abrange diversas áreas do conhecimento, como mostrado na grade curricular apresentado no campo de análises, tais componentes possibilitam a transição entre áreas e a correlação no que está sendo ensinado, portanto, justificando as queixas apresentadas pelas alunas.

Por fim, destacamos a composição de gênero do Curso de Pedagogia referente a turma concluinte do semestre 2019.1, pois, através dos dados coletados na coordenação do curso, identificamos majoritariamente, a presença feminina, tanto no corpo docente quanto discente. Pontuamos como principal motivo os resquícios do processo da feminização do magistério aliado a ausência do gênero masculino, uma vez que o Curso de Pedagogia ainda é visto como curso de mulher.

Esperamos, portanto, que o presente estudo sirva de inspiração e de base para estudos futuros na área de gênero e de formação de professores, fazendo a correlação e procurando desmistificar, tanto no campo acadêmico quanto no profissional o que seria “de homem” e “de mulher”. Também, buscamos a valorização dos profissionais de educação, dando ênfase principalmente às professoras, que historicamente, foram e são inferiorizadas pelos “poderes” e influência da mídia e da sociedade, quando na verdade, deveriam ser as profissionais mais bem alocadas socialmente, tendo em vista o caráter social de sua função. De normalistas à educadoras, ser professora pedagoga é muito mais que ser mulher na educação e escolarização das séries iniciais. É ser mulher na resistência contra a opressão social de gênero e de categoria profissional.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998. (p.11-55)

CAVALCANTI, Ana Paula Mendes Rodrigues. **Um jogo de lembranças**: gênero, cultura e história local na prática educativa de Julieta Pordeus Gadelha. 2016. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal RN, 2016.

_____. **Memória, história e currículo na Paraíba do século XX**: a formação de mulheres professoras. Projeto de pesquisa aprovado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para a cota 2018-2019. Universidade Estadual da Paraíba, maio de 2018.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. (p.41-66)

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Editora Global, 2004.

JESUS, Regina de Fátima de. Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje, sou professora. In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader (orgs.); GOULART, Ricardo (ilustrações). **Como me fiz professora**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. (p.21-41)

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: MARY, Del Priore (orgs.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo. Editora Contexto, 2012. (p.443-481)

_____. A emergência do gênero. In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2014. (p.18-40)

_____. O gênero da docência. In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2014. (p.88-109)

MONTENEGRO, Isabelle Oliveira; ARAÚJO, Nathália Rodrigues. **A construção de Gênero no Curso de Pedagogia**. In: XIII Conages - Colóquio Nacional de Representações de Gênero e sexualidade. Editora Realize. Disponível em <https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV112_MD1_SA3_ID202_11052018231006.pdf> Acesso em 20 ago. 2018.

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero**: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J. W.. Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press, 1988. PP. 28-50.), de artigo originalmente publicado em:

Educação & Realidade, vol. 15, nº 2, jul./dez. 1990. Tradução da versão francesa (Les Cahiers du Grif, nº 37/38. Paris: Editions Tierce, 1988.) por Guacira Lopes Louro.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução as teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TANURI, L. M. **Contribuição para o estudo da Escola Normal no Brasil**. Pesquisa e planejamento: São Paulo, v.13, dez.1970, p. 7-98.;

VILLELA, H. O. S. A primeira Escola Normal do Brasil. In: Clarice Nunes. (Org.). **O passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992, p. 17-42.

APENDICE 01 - QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS CONCLUINTE DO CURSO PARA REALIZAÇÃO DESTA PESQUISA

Olá querida concluinte/formanda, segue abaixo o questionário que você deverá responder. Sinta-se a vontade para dissertar sobre os aspectos mencionados, tal como outros que estejam relacionados. E não se preocupe, sua identidade estará confidenciada a este questionário, você não será assinalada pelo nome, porém eu preciso que você preencha, ao fim da página, um consentimento para o compartilhamento dos dados para esta pesquisa.

QUESTIONÁRIO

1. **Pedagogia era sua primeira opção no vestibular/ENEM? Se não, qual outro curso você gostaria de cursar?**
2. **Elenque alguns fatores ou motivos que te levaram a estar no Curso de Pedagogia.**
3. **Quais os principais motivos que te levaram a buscar uma graduação?**
4. **O que você conhecia sobre Pedagogia e sobre ser professor? E qual sua concepção de Pedagogia e de professor, hoje?**
5. **O que pensam ou dizem, seus familiares, a respeito da profissão que você escolheu?**
6. **O curso de Pedagogia teve alguma relevância na sua construção social e pessoal?**
7. **Qual é a sua percepção de si mesma como protagonista da sua própria história e da história que a circunda?**
8. **Alguém da sua família exerce ou gostaria de exercer a profissão que você escolheu? Como é a sua relação pessoal com esta pessoa?**
9. **Como você analisa os cursos de formação de professores, mais especificamente, o seu?**

“TERMO DE CONSENTIMENTO” PARA USO DAS INFORMAÇÕES

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento livre e esclarecido de **XXX(nome em maiúsculo) para a participação na presente pesquisa.**

ANEXO – REPOSTAS DO QUESTIONÁRIO**ALUNA 01:**

- 1. Pedagogia era sua primeira opção no vestibular/ENEM? Se não, qual outro curso você gostaria de cursar?** Antes de fazer o ENEM minha opção de curso era farmácia. Após a realização do mesmo, coloquei na inscrição pedagogia como primeira opção.
- 2. O que você conhecia sobre Pedagogia e sobre ser professor? E qual sua concepção de Pedagogia e de professor, hoje?** O que eu conhecia sobre pedagogia era apenas uma área voltada para cuidar de crianças. E o professor aquele que ensina os conteúdos. Após a graduação, a concepção sobre pedagogia e o professor mudou completamente e foi o que me fez permanecer na graduação de Pedagogia. Pedagogia para mim atualmente é uma grande área da Educação, não aquela que serve para cuidar de crianças, mas a que é responsável pela a formação escolar, social e a consciência crítica das mesmas. É responsável por garantir os direitos e o ensino aprendizagem das crianças na Educação infantil e no Ensino Fundamental I e II, como também dos jovens e adultos da EJA. A Pedagogia permite ao profissional ser pedagogo (a), psicopedagogo (a), gestor (a), coordenador (a), pedagogo (a) hospitalar, é uma área ampla. Em relação ao professor minha concepção hoje, é de que o mesmo é um mediador do conhecimento, facilitador do ensino aprendizagem, na qual, proporciona meios para despertar a curiosidade e criatividade dos alunos, como também problemas e soluções. E a partir disto, formar um cidadão crítico reflexivo, que tem conhecimento da sua realidade e é capaz de transformá-la.
- 3. Elenque alguns fatores ou motivos que te levaram a estar no Curso de Pedagogia.** Primeiramente, foi o meu gosto por ensinar, sempre tive habilidades que ajudavam minhas colegas de classe a aprender os conteúdos. Como também por sempre ter tido a vontade de atuar na educação.
- 4. O que pensam ou dizem, seus familiares, a respeito da profissão que você escolheu?** Sempre me apoiaram a seguir essa profissão, dizem ser um ramo bom para emprego.
- 5. O curso de Pedagogia teve alguma relevância na sua construção social e pessoal?** Sim. A partir da Pedagogia tive a consciência da minha importância na sociedade, faço parte do desenvolvimento da mesma, como também despertou em mim a consciência crítica e reflexiva da minha realidade e o desejo de transformá-la sempre para melhor. Em relação ao pessoal, aprendi a ser uma pessoa compreensiva com as especificidades do outro, saber que cada um tem o seu potencial, e a ser empática e colaborativa.
- 6. Qual é a sua percepção de si mesma como protagonista da sua própria história e da história que a circunda?** Me considero pessoa ativa da minha própria historia e da historia que me circula, a partir das escolhas que faço buscando sempre o melhor. Assumi responsabilidades muito nova o que me fez perceber que é preciso da minha parte sempre ter atitudes e escolhas. Ser protagonista da minha historia é estar em análise e reflexão das minhas atitudes aprimorando o que para mim foram boas as escolhas e ações e melhorando os erros. Busco contribuir não apenas para a minha historia em particular, mas tudo aquilo que me cerca, a partir da escolha de uma profissão e desenvolve-la com qualidade, participar de alguma comunidade de minha religião, por exemplo, é uma forma de construir a minha historia e a historia que me circunda.
- 7. Quais os principais motivos que te levaram a buscar uma graduação?** O ensino superior sempre foi um sonho, durante o período escolar buscar uma graduação

sempre foi objetivo. Pois, vejo como uma forma de poder ter uma melhor condição social, cultural e econômica, visto que, meus pais não tiveram por não ter concluído os estudos. Como também o gosto por buscar novos conhecimentos.

8. **Alguém da sua família exerce ou gostaria de exercer a profissão que você escolheu? Como é a sua relação pessoal com esta pessoa?** Sim, somos primas e sempre que estamos juntas dialogamos sobre a profissão e sua atuação por já ser formada e atuar na área.
9. **Como você analisa os cursos de formação de professores, mais especificamente, o seu?** Bom, mas durante a graduação senti falta de aulas praticas que nos possibilitasse ter uma melhor compreensão de como realizar a teoria na pratica. E a falta de dialogo da parte administrativa do curso com os docentes em relação as realidades existentes, como por exemplo, sobre a carga horária, e a atuação de alguns professores em sala de aula.

ALUNA 02:

1. **Pedagogia era sua primeira opção no vestibular/ENEM? Se não, qual outro curso você gostaria de cursar?** Sim, Pedagogia era minha primeira opção.
2. **O que você conhecia sobre Pedagogia e sobre ser professor? E qual sua concepção de Pedagogia e de professor, hoje?** Sobre a Pedagogia sabia que era um curso que formava professores da educação básica e esses iriam ensinar a ler, escrever e ministrar conteúdos. Hoje, vejo que a Pedagogia vai muito além, que é um curso onde é abordado muitos conteúdos. Buscando formar professores críticos e reflexivos acerca da sociedade e de sua prática. O professor é um ser de enorme responsabilidade e imprescindível na vida de todos nós. Por meio de sua prática os cidadãos são formados para o mundo e para a vida. Por isso, carrega responsabilidade de não ser apenas um reproduzidor de uma classe ou de ideologias dominantes, mas ser formadores de cidadãos críticos, participativos, atuantes e com autonomia.
3. **Elenque alguns fatores ou motivos que te levaram a estar no Curso de Pedagogia.** Alguns fatores que me levaram a cursar Pedagogia foram: incentivo da minha mãe; incentivo de algumas pessoas da família; por ser um curso que tem muitas áreas de atuação e por me identificar a área.
4. **O que pensam ou dizem, seus familiares, a respeito da profissão que você escolheu?** Alguns familiares apoiam, reconhecendo a importância do ser professor. Outros pelo fato de ter muitas áreas de atuação. E outra boa parte, incluindo professores, não apoiam, dizem que é muito sofrimento e que seria melhor procurar outra coisa para fazer.
5. **O curso de Pedagogia teve alguma relevância na sua construção social e pessoal?** Sim, vejo que não podemos mudar o mundo, mas que podemos influenciar bastante a vida de pessoas, as proporcionando autonomia e reflexão. Como pessoa, sinto que cresci em vários aspectos que me formam, como o conhecimento e as relações de convivência.
6. **Qual é a sua percepção de si mesma como protagonista da sua própria história e da história que a circunda?** Me vejo como uma pessoa que ainda tem muito o que aprender. Mas que aprendeu e está aprendendo a fazer história, refletindo e lutando contra os ideias que nos são impostos.
7. **Quais os principais motivos que te levaram a buscar uma graduação?** Um dos principais motivos é que meus pais sempre falaram que deixariam os estudos como

minha herança. Então, cresci vendo nos estudos a oportunidade de crescimento pessoal, social, econômico.

8. **Alguém da sua família exerce ou gostaria de exercer a profissão que você escolheu? Como é a sua relação pessoal com esta pessoa?** Sim, a maioria das minhas primas e primos são professores. Minha relação com alguns é bem proveitosa, pois recebo incentivo e apoio para o que precisar, já com outros não é proveitoso com relação ao curso, já que são frustrados com a profissão.
9. **Como você analisa os cursos de formação de professores, mais especificamente, o seu?** Analiso como sendo um ótimo curso, mas que ainda tem aspectos a melhorar, já que a sociedade muda a cada dia e requer cada vez mais experiências.

ALUNA 03:

1. **Pedagogia era sua primeira opção no vestibular/ENEM? Se não, qual outro curso você gostaria de cursar?** Sim! Pedagogia sempre foi minha primeira opção e serviço social a segunda.
2. **O que você conhecia sobre Pedagogia e sobre ser professor? E qual sua concepção de Pedagogia e de professor, hoje?** Antes de ingressar na universidade, era muito leiga e preconceituosa enquanto ser professor, que para mim era a pior profissão do mundo. Pedagogo na minha concepção era aquela pessoa que apenas alfabetizava. Hoje, compreendo mais afundo sua importância e defendo com unhas e dentes a profissão que escolhi. O pedagogo trabalha como professor, porém vai mais além, atua em diversas áreas da educação entendendo-a como um fator cultural e social.
3. **Elenque alguns fatores ou motivos que te levaram a estar no Curso de Pedagogia.** Meu maior fator foi o de alfabetizar totalmente minha mãe, pois o pouco que ela sabe fui eu que a ensinei.
4. **O que pensam ou dizem, seus familiares, a respeito da profissão que você escolheu?** Meus familiares foram só elogios, principalmente meus pais agora alguns amigos me criticaram bastante pela à escolha o que não teve nenhuma relevância para mim.
5. **O curso de Pedagogia teve alguma relevância na sua construção social e pessoal?** Total importância! Me ensinou ser um ser humano melhor enquanto pessoa, enquanto mulher, que eu posso ser e está onde quiser. Me ensinou a ter um olhar mais humano com as pessoas ao meu redor e quebrar preconceitos sem nexos algum.
6. **Qual é a sua percepção de si mesma como protagonista da sua própria história e da história que a circunda?** No decorrer da minha vida escolar, chegar em uma universidade é uma história de luta e superação tanto minha quanto das colegas de sala que são de interiores de outras cidades.
7. **Quais os principais motivos que te levaram a buscar uma graduação?** Por motivo de conhecimento e aprimorar-me mais para o mercado de trabalho.
8. **Alguém da sua família exerce ou gostaria de exercer a profissão que você escolheu? Como é a sua relação pessoal com esta pessoa?** Nunca demonstraram interesse.
9. **Como você analisa os cursos de formação de professores, mais especificamente, o seu?** É um curso muito rico que abrange várias áreas de conhecimentos por esse motivo cobrasse muito dos educandos. Na minha concepção deveria ter uma revisão nos métodos de ensino de alguns professores que não condizem com campo

acadêmico, tipo aqueles professores que só passam slides deixando a aula cansativa e nada atraente.

ALUNA 04:

1. **Pedagogia era sua primeira opção no vestibular/ENEM? Se não, qual outro curso você gostaria de cursar?** Pedagogia sempre foi minha primeira opção.
2. **O que você conhecia sobre Pedagogia e sobre ser professor? E qual sua concepção de Pedagogia e de professor, hoje?** Eu sempre imaginei que pedagogo exalava muita dedicação e amor pelo que faz. Sempre tive na minha cabeça que se o professor não tiver amor as coisas ficam um pouco complicadas. Estamos lidando com vidas, nossa participação nessas vidas ficarão marcadas para sempre. Hoje penso parecido, mas com um conhecimento bem maior da responsabilidade, do trabalho e da dedicação que um professor precisa ter para lograr êxito no seu trabalho.
3. **Elenque alguns fatores ou motivos que te levaram a estar no Curso de Pedagogia.** Eu sempre quis ser professora. Me inspirava nas que eu tive.
4. **O que pensam ou dizem, seus familiares, a respeito da profissão que você escolheu?** Os meus pais me apoiam. As críticas vem mais de parentes de fora.
5. **O curso de Pedagogia teve alguma relevância na sua construção social e pessoal?** Teve sim, hoje sou uma pessoa mais crítica, não fico a par das situações, procuro saber mais e me posicionar mais.
6. **Qual é a sua percepção de si mesma como protagonista da sua própria história e da história que a circunda?** Não sei responder essa ainda.
7. **Quais os principais motivos que te levaram a buscar uma graduação?** Independência, ter um trabalho.
8. **Alguém da sua família exerce ou gostaria de exercer a profissão que você escolheu? Como é a sua relação pessoal com esta pessoa?** Exerce sim. Minha relação com ela é boa, no entanto, ela não me passa entusiasmo acerca da profissão e nem queria que eu tivesse escolhido pedagogia.
9. **Como você analisa os cursos de formação de professores, mais especificamente, o seu?** É um curso amplo. Abrange várias áreas de conhecimento. Avalio como bom.

ALUNA 05:

1. **Pedagogia era sua primeira opção no vestibular/ENEM? Se não, qual outro curso você gostaria de cursar?** NÃO, antes de cursar pedagogia eu queria cursar enfermagem ou fisioterapia, algum da área da saúde.
2. **O que você conhecia sobre Pedagogia e sobre ser professor? E qual sua concepção de Pedagogia e de professor, hoje?** Não conhecia nada. Pra mim, ser professor/pedagogo se resumia a cuidar de crianças, ensinar a ler e escrever. Hoje, minha concepção sobre Pedagogia é muito ampla e que não se restringe apenas ao ato de cuidar de crianças. Ser professor pedagogo é sem dúvida um leque de informações que o profissional adquire ao longo de sua formação. É uma profissão que exige muita atenção, dedicação e amor. Afinal, lidamos com muitas vidas, o curso me fez compreender que cada pessoa possui sua subjetividade, e essa deve ser respeitada.
3. **Elenque alguns fatores ou motivos que te levaram a estar no Curso de Pedagogia.** Permaneci e conclui o curso de Pedagogia pelo fato de estar adquirindo conhecimento, e sempre à procura de uma formação capaz de me fazer uma pessoa melhor. O

embasamento teórico que adquiri ao longo do curso me abriu a mente e me fez ver o mundo de um modo mais crítico.

4. **O que pensam ou dizem, seus familiares, a respeito da profissão que você escolheu?** Alguns dizem que eu escolhi errado, que vou sofrer muito. Deveria ter feito enfermagem, pois já estaria empregada. Outros não dizem nada, e, alguns poucos acham que é um curso muito bom e me desejam sorte.
5. **O curso de Pedagogia teve alguma relevância na sua construção social e pessoal?** Sim, sem dúvidas, como já mencionei, eu me tornei uma pessoa com um olhar mais crítico e reflexivo. O curso me abriu portas, me proporcionou conhecer pessoas incríveis, professores extremamente inteligentes e comprometidos com a formação de professores e de uma educação de qualidade.
6. **Qual é a sua percepção de si mesma como protagonista da sua própria história e da história que a circunda?** Sinto-me protagonista, creio que as conquistas adquiridas ao longo de minha vida foram advindas de minha perseverança e vontade de mudar, fazer a diferença de alguma forma.
7. **Quais os principais motivos que te levaram a buscar uma graduação?** Continuar estudando, adquirir conhecimento, não ficar estagnada em uma cidade pequena casada e com muitos filhos pra criar, dependendo de um “bolsa família”. Esses motivos me levaram a estudar, fazer uma graduação, me sentir importante por isso.
8. **Alguém da sua família exerce ou gostaria de exercer a profissão que você escolheu? Como é a sua relação pessoal com esta pessoa?** Não.
9. **Como você analisa os cursos de formação de professores, mais especificamente, o seu?** A depender da instituição, os cursos são relativamente bons, porém, ainda sinto uma carência/preparação para a atuação nos estágios. Esses são em sua maioria conturbados. Fora isso, a formação teórica de meu curso é boa e a maioria dos professores conseguem fazer analogias com a realidade das escolas. Mesmo assim, ao termos o primeiro contato com as escolas, a prática propriamente dita, nos choca por ser muito diferente.

ALUNA 06:

1. **Pedagogia era sua primeira opção no vestibular/ENEM? Se não, qual outro curso você gostaria de cursar?** Quando me inscrevi no enem estava em dúvida em dois cursos, pedagogia e nutrição. Porém, ao me inscrever no sisu a minha primeira opção veio a ser pedagogia e a segunda nutrição.
2. **O que você conhecia sobre pedagogia e sobre ser professor? E qual sua concepção de pedagogia e de professor, hoje?** No início compreendia a pedagogia apenas como uma profissão limitada ao ensino de crianças do início de sua vida escolar até o final do ensino fundamental i. Atualmente compreendo a pedagogia como uma área de conhecimento interdisciplinar que abrange além do ensino, mas também como a gestão, orientação, supervisão e tantas outras áreas que estão conectadas, ou seja, uma profissão que se estende para além da sala de aula.
3. **Elenque alguns fatores ou motivos que te levaram a estar no curso de pedagogia.** Gostar de crianças e o grande mercado de trabalho disponível em relação a outras áreas.
4. **O que pensam ou dizem, seus familiares, a respeito da profissão que você escolheu?** Todos apoiam a minha decisão e me incentivam a continuar na busca por mais conhecimentos.
5. **O curso de pedagogia teve alguma relevância na sua construção social e pessoal?** Sim. Durante toda a formação foi possível enxergar alguns problemas sociais que

- antes não conseguia enxergar e, frente a isto, construir uma visão melhor sobre o mundo e seus problemas e como posso interferir/ajudar nos mesmos como educadora.
6. **Qual é a sua percepção de si mesma como protagonista da sua própria história e da história que a circunda?** Uma percepção de lutadora, guerreira que busca e faz acontecer sua própria história.
 7. **Quais os principais motivos que te levaram a buscar uma graduação?** Crescimento pessoal e profissional e a busca por uma estabilidade financeira.
 8. **Alguém da sua família exerce ou gostaria de exercer a profissão que você escolheu? Como é a sua relação pessoal com esta pessoa?** Minha avó exercia o magistério mesmo sem ter um curso profissionalizante. Infelizmente não cheguei a conhecê-la, pois a mesma faleceu antes do meu nascimento. Contudo, já ouvi relatos de muitos de seus alunos que era uma excelente alfabetizadora. Minha mãe também trabalha no meio educacional, não como professora, mas como agente administrativa na secretária de educação do município a mais de 30 anos, então acredito que o fato dela está imersa no contexto educacional me influenciou bastante.
 9. **Como você analisa os cursos de formação de professores, mais especificamente, o seu?** Apesar de sempre passarem por inúmeras reformas, os cursos de formação docentes ainda não conseguem abranger a dimensão que a área existe, seja pelos maus profissionais que lecionam ou por falta ou insuficiência de componentes curriculares, contudo acredito que na medida do possível os cursos ofertam o que há de melhor no momento, tentando oferecer a melhor formação profissional possível dentro do limite.

ALUNA 07:

1. **Pedagogia era sua primeira opção no vestibular/ENEM? Se não, qual outro curso você gostaria de cursar?** Pedagogia não foi minha primeira opção ao usar a nota do Enem em 2015. Eu pretendia cursar Enfermagem.
2. **O que você conhecia sobre Pedagogia e sobre ser professor? E qual sua concepção de Pedagogia e de professor, hoje?** Como mencionado anteriormente, a escolha por Pedagogia se deu após algumas experiências lecionando para crianças, ao me interessar eu pesquisei sobre essa área, e pensei que poderia ser Professora, mas Professora dos anos iniciais e para isso o curso seria Pedagogia, deste modo, eu sabia que Pedagogia era uma área da educação, na qual a pessoa atuava como professor, em creche ou sala de aula do pré até o quinto ano, ou ainda como gestora. Hoje, tenho uma concepção dinâmica, mas bem mais elaborada, compreendo que Pedagogia é uma ciência que tem como objeto de estudo a educação, que intervem no desenvolvimento humano com seu processo de ensino e aprendizagem, dentre tantas especificidades, seja na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, e que, afinal, o profissional pedagogo não atua apenas em sala de aula, esta área é muito ampla e garante uma série de especializações, como gestor, coordenador, orientador, supervisor, além daquelas exterior à escola, tal como a Pedagogia Hospitalar e Empresarial. Enfim, a Pedagogia forma profissionais Pedagogos, Professor, mas garantindo um imenso espaço de atuação, seja dentro ou fora da sala de aula. Ser professor não é apenas ser licenciado, diplomado, ser professor é uma construção, um eterno estudante, sempre disposto a pesquisar, planejar, ensinar e aprender.
3. **Elenque alguns fatores ou motivos que te levaram a estar no Curso de Pedagogia.** Um presente que ganhei quando era criança, uma lousa pequena, na qual eu brincava de escolinha sozinha, copiando as atividades do livro didático da escola; Acredito que

as atuações como catequista na minha comunidade; Auxiliar em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, para desenvolvimento da leitura; Monitora do Programa Mais Alfabetização com Reforço Escolar e Brinquedoteca; Reforço Escolar para alunas com dificuldades de aprendizagem na minha casa.

4. **O que pensam ou dizem, seus familiares, a respeito da profissão que você escolheu?** É relativo, pois têm aqueles que me perguntam por que professora diante de um cenário tão difícil da educação brasileira, aonde os alunos não obedessem o professor e esse tende a trabalhar demais, se estressar muito e tal, com alguns eu faço questão de fazer toda uma discussão sobre o que é realmente a profissão que eu escolhi, outros apenas esculto. Entretanto, por outro lado, tem aqueles que compartilha da minha satisfação, apoiando, incentivando e perguntando sobre, o que me deixa mais feliz, mas, o que realmente importa é o que pensa os meus pais, esses sim estão do meu lado desde o começo e sempre incentivaram, pois sabem da minha história antes e depois da academia.
5. **O curso de Pedagogia teve alguma relevância na sua construção social e pessoal?** Com certeza. É uma bagagem de conhecimento muito grande durante todo este processo, é preciso está aberta todo instante para lidar com as diversas situações que irão te fazer construir novos processos e estruturas sociais e pessoal.
6. **Qual é a sua percepção de si mesma como protagonista da sua própria história e da história que a circunda?** É um processo muito dinâmico, ao mesmo instante que determinada sou muito dependente, muitas vezes eu penso que o do outro é sempre melhor que o meu, mas eu sempre luto e busco fazer bem feito, dar o melhor de mim, não busco ser exemplo pra ninguém, busco apenas retribuir o esforço e dedicação dos meus pais durante todo o processo da minha vida e construção da minha história, sendo assim, acabo por esperar que eles descidam por mim, mas, com muito esforço eu tento superar, e por isso cada vez que isso acontece cresço mais um pouco, que eu sempre faça o melhor por que eles me ensinaram, mas que eu seja protagonista da minha história com minhas próprias escolhas.
7. **Quais os principais motivos que te levaram a buscar uma graduação?** Primeiro de tudo pelo incentivo dos meus pais, aos quais sempre afirmaram que para conseguir alguma coisa na vida é preciso estudar, e que sempre mostraram-se dispostos a me ajudar, bastava eu querer, assim eu sempre fiz, busquei, como também a pressão ensino médio, é o que mais se fala, Enem/Universidade, sendo que, ao final nem todos que tanto fala realmente ingressa, mas eu consegui. Em busca de ascensão social, um dia melhorar a qualidade de vida dos meus pais, retribuir o que sempre fizeram por mim, eu teria que me profissionalizar e a melhor maneira é estudando.
8. **Alguém da sua família exerce ou gostaria de exercer a profissão que você escolheu? Como é a sua relação pessoal com esta pessoa?** Na minha família não há nenhum profissional pedagogo, nem professor específico. Mas, agora uma prima esta cursando Pedagogia semipresente, não temos uma relação muito próxima e por isso não comentamos sobre a profissão.
9. **Como você analisa os cursos de formação de professores, mais especificamente, o seu?** São de grande crescimento, não apenas profissional, mas pessoal e social, é preciso que em algum dado momento você obtenha mudança. Porém, hoje, há muitas facilidades para ingressar em um curso de Pedagogia, quando na verdade só favorece a conquista de um título, é preciso acontecer mudança de comportamento, a ação profissional requer outras ações que interligam a vida, e vice-versa, e isso foi aprendido na formação do meu curso.

ALUNA 08:

- 1. Pedagogia era sua primeira opção no vestibular/ENEM? Se não, qual outro curso você gostaria de cursar?** Eu queria muito cursar Psicologia, porém, por causa da minha nota e insegurança de ser ou não chamada em outra chamada, coloquei Pedagogia para garantir minha vaga no Ensino Superior.
- 2. O que você conhecia sobre Pedagogia e sobre ser professor? E qual sua concepção de Pedagogia e de professor, hoje?** O que eu conhecia da Pedagogia era o simplório: ser professora de criança. Minha mãe cursou o pedagógico e atuava na área, então, o que eu sabia se resumia ao que eu via minha mãe fazendo: ensinar crianças a ler e escrever. Professor era o típico ‘detentor do saber’. Aquele sujeito superior, responsável por ensinar conteúdos predeterminados e capaz de responder todas as perguntas feitas. Hoje, sei que a Pedagogia perpassa as paredes da sala de aula e vai além de ensinar a ler e escrever. A Pedagogia abrange áreas distintas do conhecimento e todos os aspectos do desenvolvimento humano. O professor, alguém quase inalcançável anteriormente, hoje é visto como um mediador entre o aluno e o conhecimento; aquele que facilita o processo de aprendizagem dos seus alunos e que não é superior, mas tão igual quanto.
- 3. Elenque alguns fatores ou motivos que te levaram a estar no Curso de Pedagogia.** Eu gostei de toda a teoria que vi no decorrer do curso. De entender como o processo de aprendizagem acontece e os fatores que o envolvem. A história da educação, seus avanços, as culturas e as diferenciações que tornam o sujeito um ser único me ‘prenderam’ ao curso. Eu acho que o meu gostar pessoal pelo desconhecido, por entender aquilo que ainda não sei me motivaram a chegar até aqui.
- 4. O que pensam ou dizem, seus familiares, a respeito da profissão que você escolheu?** Meus pais sempre me apoiaram em todas as minhas decisões. Os meus parentes mais próximos entendem e se orgulham de mim e das minhas conquistas. Outros mais distantes, julgam que eu não soube escolher ou que eu cometi o mesmo “erro” da minha mãe. Dizem que minha renda será baixa e que eu deveria ter feito outro curso superior.
- 5. O curso de Pedagogia teve alguma relevância na sua construção social e pessoal?** Sim, completamente. Sempre que converso com alguém sobre a Pedagogia digo que é um curso para a vida! Você não aprende só a teoria que utilizará na prática e pronto. Você aprende a lidar com pessoas. Pessoas que são diferentes, que possuem jeitos de aprender distintos e contexto sociais múltiplos. Ao aprender (implicitamente, claro) esse tipo de conhecimento, percebe-se que não são aplicáveis apenas no âmbito educacional, mas em todas as áreas de nossas vidas. Pessoalmente, percebi uma evolução subjetiva principalmente no que diz respeito ao meu olhar perante o outro. Comecei a tentar buscar os motivos que levam cada pessoa a agir de determinada forma e aceitar que ela é um ser diferente de mim que possui, assim como eu, qualidades e defeitos que precisam de atenção. Minhas relações interpessoais melhoraram bastante devido a Pedagogia.
- 6. Qual é a sua percepção de si mesma como protagonista da sua própria história e da história que a circunda?** Creio que eu exerço influência sobre a história do outro que divide o mesmo contexto (seja ele qual for) que eu e que ele também exerce sobre mim. O meu protagonismo individual é afetado pelo outro e o do outro é afetado por mim. O que quero dizer é que existe uma troca de conhecimentos, experiências, vivências subjetivas... que provocam essa influência recíproca.

7. **Quais os principais motivos que te levaram a buscar uma graduação?** Ascensão no mercado de trabalho, interesse pelo conhecimento, estabilidade financeira, realização pessoal.
8. **Alguém da sua família exerce ou gostaria de exercer a profissão que você escolheu? Como é a sua relação pessoal com esta pessoa?** Minha mãe exerce. Minha relação com ela é muito agradável e sempre admirei a sua profissão e soube das suas dificuldades. Tenho orgulho da minha mãe-professora e sei que ela também tem orgulho de mim, não por ter escolhido a Pedagogia, mas por quem eu sou e de todo o meu esforço.
9. **Como você analisa os cursos de formação de professores, mais especificamente, o seu?** Apesar das dificuldades e dos ajustes que precisam ser feitos principalmente no que diz respeito a junção de teoria e prática, os cursos de formação são amplos e apresentam múltiplos caminhos. Não se restringem apenas a um contexto ou área de atuação e permitem que você aprenda de tudo e escolha aquilo que mais se identifica.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por essa conquista e dedicá-la, acima de tudo, á Ele. Agradecer por durante todos estes anos Ele ter estado presente na minha vida, de forma direta e indireta, cuidando de mim, zelando por mim e me protegendo de todo mal.

Gratidão á Maria, mãe do Senhor, por ter estendido seu Manto Sagrado sobre a minha formação, minha vida e meu lar, nos momentos de tormenta e nos momentos de gratidão.

Obrigada á minha família, meu pai, Josmar, minha mãe, Rejane, e meu irmão, Fillipe, por terem estado junto a mim no decorrer destes quatro anos, me dando o consolo, o abraço, o afago que eu precisava, como também me mostrando a direção a qual seguir quando havia dúvidas. Gratidão, principalmente, á meu pai por sempre ter me dito que os estudos que me levariam á frente e, á minha mãe por ter estado comigo em toda a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, dormindo de madrugada, já no amanhecer do dia, para que eu não ficasse sozinha enquanto o escrevia.

Uma gratidão especial a Arthur Magno, por toda paciência, zelo e disposição no período em que estava construindo este trabalho, por ter acreditado em mim, quando eu não fiz isso e por ter me mostrado o quanto sou capaz de fazer qualquer coisa.

Ás minhas irmãs de universidade, amigas que levarei comigo pra sempre, Alydiane, Luana Micaelhy, Luanna Raquel, Nathália, Valéria, Valkênia, que me ensinaram a amar nos pequenos detalhes, me mostrando que o amor está em reconhecer os defeitos de uma pessoa e aceitá-los, amando-os também, pois são eles que nos fazem únicos.

Meu muito obrigada ás minhas colegas de sala que se dispuseram a ser sujeitas da presente pesquisa. Serei grata eternamente a cada uma por terem se disponibilizado e se responsabilizado a cumprir o cronograma comigo e a fomentar este sonho.

Quero agradecer de forma dupla ás minhas “Thaises”, Thaís Araújo e Thaís Almeida, que mesmo distantes se faziam presentes na minha vida, me escutando, me aconselhando, até me dando sermão quando necessário. Obrigada por me mostrarem que o amor vai além do que se espera que seja, do que se vê e escuta sobre ele.

Quero agradecer de maneira especial e única a cada professora e professor que eu tive durante minha vida... Todos àqueles que foram fundamentais para que eu chegasse onde cheguei, obrigada por todo aprendizado que me foi passado, todas as descobertas me levaram longe e aqui estou eu.

Minha gratidão especial a Professora Dra. Ana Paula, orientadora deste trabalho, por partilhar comigo este sonho e ter me proporcionado (disponibilizado) azas (textos) pra voar (refletir). Obrigada por ter aceitado ser minha orientadora, obrigada por toda ajuda, empenho, zelo e dedicação para que nosso trabalho se concretizasse exatamente como eu imaginei que seria.

Por fim, gratidão, apenas gratidão a cada um dos citados pelas contribuições em minha vida, advindas das trocas de experiências, convivência, amizade, amor...